

**CADERNO DE LEITURA E ANÁLISE DE  
CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**

**OS TIPOS DE DISCURSOS NA  
TECITURA DO TEXTO**

**LUCIANA DA MOTA BRITO  
JOSÉ RICARDO CARVALHO DA SILVA**

ITABAIANA-SE  
2021

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	3
OBJETIVOS DE APRENDIZAGENS .....	8
UM POUCO DE TEORIA: Alguns conceitos na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) .....	9
SINOPSE DAS ATIVIDADES.....	14
PERGUNTAS NORTEADORAS PARA ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE DISCURSOS NAS CRÔNICAS .....	16
APRESENTAÇÃO INICIAL: apresentação da proposta de leitura e análise das crônicas - conhecendo o contexto de recepção das crônicas.....	18
ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA.....	19
LEITURA E INTERPRETAÇÃO INICIAL: Conhecendo o escritor e reconhecendo o gênero crônica. ....	24
MÓDULO I: LEITURA E ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DO TEXTO: O plano geral do texto na crônica <i>Ciao</i> .....	32
MÓDULO II: INFRAESTRUTURA TEXTUAL DAS CRÔNICAS: Os tipos de discursos.....	39
LEITURA E ANÁLISE DA CRÔNICA <i>RECALCITRANTE</i> .....	40
LEITURA E ANÁLISE DA CRÔNICA <i>A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO</i> (1980) .....	46
ANÁLISE DO CONTEXTO E DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA <i>A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO</i> (1980) .....	52
MÓDULO III - LEITURA E INTERPRETAÇÃO FINAL: Socializando as compreensões sobre os tipos de discursos e os efeitos das escolhas linguísticas na construção do sentido.....	54
LEITURA E ANÁLISE DA CRÔNICA <i>O FRÍVOLO CRONISTA</i> (1984).....	54
ANÁLISE DA CRÔNICA <i>CIAO</i> : Unidades linguísticas e seus efeitos de sentido .....	58
UMA ANÁLISE DA CRÔNICA <i>CIAO</i> (1984) .....	64
ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO DAS CRÔNICAS .....	66
ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DAS CRÔNICAS: OS TIPOS DE DISCURSOS.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS:.....	67

## APRESENTAÇÃO

Este caderno é parte da pesquisa intitulada *Leitura e análise dos tipos de discursos em crônicas de Carlos Drummond de Andrade à luz do interacionismo sociodiscursivo*, desenvolvido durante o curso de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na Universidade Federal de Sergipe (UFS), *campus* Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana. Concentrado na área Linguagens e Letramentos.

### **Cá entre nós...**

A proposta de leitura e análise linguística desenvolvida em torno do gênero crônica é norteada pelos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que contempla o texto como produto de uma ação de linguagem. Nessa abordagem, para interagir, os agentes mobilizam concomitantemente, as capacidades de linguagem. No âmbito do contexto, as capacidades de ação, e na arquitetura interna do texto, as capacidades discursivas e as capacidades linguístico-discursivas, gerindo-as de modo articulado. São essas mobilizações que possibilitam o leitor dialogar com o autor, com a temática apresentada, com as vozes sociais, e então, refletir e posicionar-se criticamente, concordar ou não com os pontos de vistas, confirmar ou reformular hipóteses e conceitos, perceber as subjetividades, contextualizar os acontecimentos, comparar e aproximar, relacionando-os às épocas - o momento de produção e de recepção. Essa liberdade de refletir sobre a leitura permite o leitor partilhar suas ideias e percepções, (re)construir sentidos, pois, “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999, p.103).

Nessa perspectiva, o trabalho de leitura e produção de sentido considera que os textos são correspondentes linguístico da ação de linguagem que articulam as representações psicológicas, sociais e pessoais, individuais e coletivas, e os conhecimentos da língua, discursivos e linguísticos-discursivos. A compreensão e interpretação dependem das capacidades de linguagem mobilizadas pelo agente leitor (capacidades de ação, discursivas e linguístico-discursivas). Nesse âmbito, desenvolvemos a proposta de leitura a partir da adaptação da noção de Sequência Didática (SD) desenvolvida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), para os quais, uma “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, com o

objetivo de “favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96-97).

Apontaremos alguns conceitos estabelecidos pelo ISD sobre texto, gênero de texto, mundos discursivos, os tipos de discursos e o método de análise de texto desenvolvido por Bronckart (1999), em seguida, as atividades de leitura e análise de crônicas de Carlos Drummond de Andrade com base nos procedimentos de análise de textos desenvolvidos por Bronckart (1999), que propõe analisar as características do contexto e a arquitetura interna do texto: a infraestrutura textual, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Nosso enfoque está na infraestrutura do texto, em especial, nos tipos de discursos, visando a promoção da leitura e o desenvolvimento das capacidades discursivas dos estudantes.

Elegemos as crônicas de Carlos Drummond de Andrade pois apresentam características multiformes, trazem reflexões filosóficas sobre a existência humana, revelando aspectos psicológicos e linguísticos evocados nas atividades de linguagem do narrador efetivando a construção de mundos discursivos criados pelo agente produtor em uma perspectiva híbrida entre o real e o fictício, o jornalismo e a literatura. Suas crônicas coordenam estruturas dialogadas, expositivas, relatadas e narrativas, podendo apresentar também, estruturas mistas e fusionadas que se sobrepõem permeabilizando as fronteiras dos tipos de discursos, e do próprio gênero crônica.

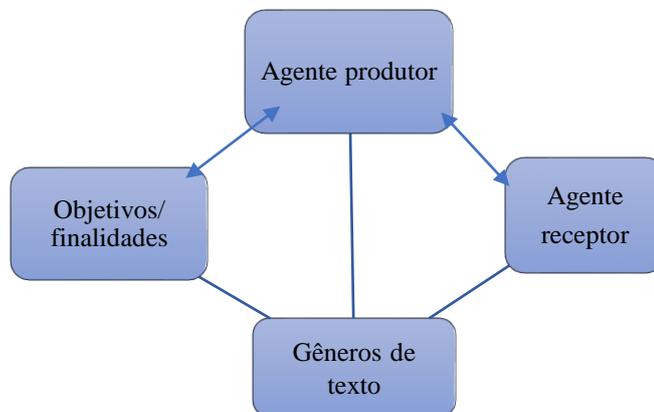
A organização desse caderno está estruturada em etapas semelhantes às que constituem a sequência didática proposta pelos pesquisadores Genebrinos: *Apresentação inicial; Leitura e interpretação inicial*; Os módulos: módulo I) *Leitura e análise da infraestrutura do texto – plano geral da crônica Ciao*; II) *Leitura e análise dos tipos de discursos nas crônicas Recalcitrante e A música popular entra no paraíso* e III) *Leitura e interpretação final - Socializando as compreensões*.

### ***A apresentação inicial***

Momento de diálogo e apresentação da proposta de leitura e análise das crônicas de Carlos Drummond de Andrade. Nesse momento, buscamos compreender o contexto de recepção da leitura e os conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero a ser estudado, teceremos um diálogo interativo sobre o gênero crônica, os possíveis contexto de produção e recepção e suas funções sociais. Apresentaremos as características mais ou menos estáveis; os possíveis suporte (s) de circulação; os assuntos/temáticas que podem ser tratados; e suas possibilidades estruturais e composicionais. Dessa forma, provocaremos os estudantes a

mobilizar suas capacidades de linguagem no ato da leitura e ao realizar as atividades de análise e compreensão do texto. Os estudantes perceberão que um gênero de texto resulta de uma atividade de linguagem que envolve os seguintes componentes:

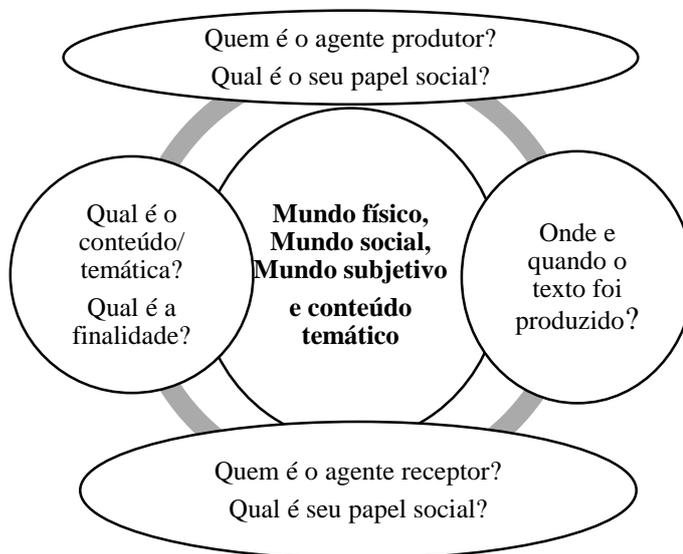
### Atividade de linguagem



Fonte: autora com base em Bronckart (2012, p. 72).

Segundo Bronckart (2012), é de acordo com as finalidades comunicativas e o seu destinatário, que o agente recorre aos modelos de gêneros indexados para efetivar sua ação de linguagem. Daí, a importância de analisar os contextos de produção e de recepção do texto.

### Representações dos parâmetros contextuais e do conteúdo



Fonte: autora com base em Bronckart (1999)

Ao buscar compreender as representações dos parâmetros contextuais do mundo físico (quem escreve, para quem, quando e de onde escreve), do mundo social (instituição, posição social, normas e valores), do mundo subjetivo (as pretensões, a representação de si mesmo), e

do conteúdo temático (o conjunto das informações apresentadas no texto), o agente mobiliza as *capacidades de ação*. Enquanto, na arquitetura interna do texto, são requeridas as capacidades discursivas e linguístico-discursivas.

A *arquitetura interna do texto* se caracteriza como um folhado textual que agrupa três camadas sobrepostas e interligadas: a *infraestrutura textual*, os *mecanismos de textualização* e os *mecanismos enunciativos*. Centramo-nos na primeira camada, a *infraestrutura textual* com ênfase nos *tipos de discurso*, segmentos constituintes do texto, as unidades linguísticas que o semiotizam e promovem a construção dos mundos discursivos e dos tipos de discursos (relação de conjunção/disjunção, implicação/autonomia).

### ***Leitura e interpretação inicial - Conhecendo o autor e reconhecendo o gênero crônica***

Apresentação do escritor Carlos Drummond de Andrade, através de imagem, de um vídeo documentário disponível no *YouTube*, no link <https://youtu.be/kMZHOLdfLVo>, e da leitura de sua biografia. Em seguida, Realização das atividades de compreensão sobre o vídeo e o texto biográfico.

Para iniciar a leitura e interpretação de crônicas, propomos a leitura da crônica *Como Comecei a Escrever* (1980). Nessa crônica, o autor criou um narrador para apresentar aos leitores algumas reflexões sobre suas vivências, em especial, sua relação com a escrita, com a crônica e com o jornal. É uma crônica filosófica e autorreflexiva, o narrador relata como desenvolveu o interesse pela palavra escrita e as contribuições que recebeu de sua mãe em casa, da professora de redação na escola e de alguns amigos que, assim como ele, também gostavam de escrever. Após a leitura explora-se as propriedades do contexto e do texto, examinando a forma como estas duas instâncias de significação se relacionam.

A proposta de atividade de leitura das crônicas de Carlos Drummond de Andrade está dividida em três módulos, conforme apresentamos a seguir:

Módulo I — **A Infraestrutura - Plano geral do texto** – leitura e análise da crônica *Ciao* (1984), a última crônica escrita pelo autor Carlos Drummond enquanto cronista profissional do *Jornal do Brasil*. O narrador sintetiza sua trajetória de cronista, as emoções e sensações que marcaram sua história de “homem de jornal” por mais de seis décadas, destacando fatos históricos e acontecimentos marcantes que certamente serviram-lhe de inspiração para a escrita de suas crônicas.

Módulo II — **A Infraestrutura - Os tipos de discursos** - buscando articular a atividade de leitura à análise discursiva. Leitura e análise dos tipos de discursos nas crônicas *Recalcitrante* (1974) e *A música popular entra no paraíso* (1980).

Módulo III — Interpretação final — Socialização da aprendizagem – análise discursiva das crônicas *A música popular entra no paraíso* (1980), *O Frívolo Cronista* (1984) e *Ciao* (1984).

Esperamos que esse caderno o auxilie em sua prática docente. Fique à vontade para adequar e adaptar as atividades de acordo com a realidade de sua (s) turma (s).

Atenciosamente,

Luciana da Mota Brito

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGENS

- Reconhecer características que configuram regularidades ao gênero crônica, considerando as escolhas temáticas, as formas composicionais e estilo de linguagem a ser compreendido na esfera jornalística, em livros, antologias ou suportes digitais (*sites e blogs*).
- Analisar crônicas de Carlos Drummond de Andrade em uma abordagem interacionista sociodiscursiva;
- Perceber as influências dos contextos de produção na construção e apreensão dos sentidos;
- Compreender como são constituídos os mundos discursivos EXPOR e NARRAR nas crônicas de Carlos Drummond;
- Identificar unidades linguísticas que caracterizam a CONJUNÇÃO/DISJUNÇÃO, e as que determinam a implicação dos agentes na ação de linguagem, identificando os tipos de discursos constituintes das crônicas analisadas;
- Reconhecer a crônica como um gênero multifacetado e com possibilidades de apresentar quaisquer dos tipos de discursos (teórico, interativo, narração e relato interativo), inclusive, as variantes e fusões;
- Perceber alguns efeitos de sentido produzidos a partir das escolhas e usos de unidades linguístico-discursivas;
- Perceber possibilidades de ocorrência de relações intertextuais no emprego das formas de transmissão dos discursos;

## UM POUCO DE TEORIA: Alguns conceitos na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)

Vejamos alguns conceitos do ISD:

### TEXTO

Chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). (BRONCKART, 1999, p.75).

É toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário, [...] o texto é a **unidade comunicativa** [...] na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: (BRONCKART, 1999, p.137).

O texto é o correspondente linguístico de uma ação de linguagem, criado pela mobilização dos recursos linguísticos próprios de uma língua natural. Mesmo havendo essa mobilização de unidades linguísticas, o texto não é, em si mesmo, uma unidade linguística: suas condições de abertura e de fechamento são determinadas pela ação que o gerou e essa é a razão pela qual o consideramos como unidade comunicativa. (BRONCKART, 2010, p. 169).

## GÊNEROS DE TEXTO

Esses gêneros são modelos que estão disponíveis no que chamamos de arquiteito (o arquiteito é o conjunto dos modelos de gêneros em uso em uma determinada comunidade verbal, em uma determinada época de sua história) e eles são indexados, isto é, considerados como sendo adaptados a tal atividade ou a tal situação de comunicação (BRONCKART, 2010, p. 170).

... em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de gêneros de texto) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 1999, p. 137)

...os gêneros de texto se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos de uma determinada sociedade, mas que só poderão ser considerados como verdadeiras ferramentas/instrumentos para seu agir, quando esses sujeitos se apropriam deles, por si mesmos, considerando-os úteis para seu agir com a linguagem (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006, p. 551).

...modelos de gêneros tem características semióticas mais ou menos identificáveis, mas eles também são portadores de indexações sociais, pois, na medida em que cada gênero, necessariamente, é objeto de avaliações sociais, ele é visto como sendo adaptado para comentar determinado agir geral, como possível de ser mobilizado em uma outra situação de interação ou como tendo determinado valor estético. Além disso, esses gêneros são também objetos de processos de conhecimento (eles foram descritos, estudados etc.), no fim dos quais, encontram-se dotados de rótulos que podem ter menor ou maior estabilidade. (BRONCKART, 2008, p. 88).

## OS MUNDOS DISCURSIVOS: Mundo do EXPOR e Mundo do NARRAR

Para a constituição dos mundos discursivos, são observados dois conjuntos de operações. 1) A **relação entre a organização do conteúdo temático com as coordenadas gerais do mundo ordinário** em que uma ação de linguagem acontece: **conjunta**, quando estabelecem relação com o mundo ordinário, constituem o **mundo do EXPOR**, e, **disjunta**, quando não estabelecem essa relação, constituindo o **mundo do NARRAR**. (BRONCKART, 1999, p. 153). 2) A relação entre a instância de agentividade e sua inscrição espaço-temporal no texto, e, à relação com os parâmetros físicos da ação de linguagem. **IMPLICADO**, quando no texto explicita as relações (agente-produtor, interlocutor e sua situação no espaço-tempo) por meio de dêiticos. **AUTÔNOMO**, quando essas relações não são explicitadas. (CRISTÓVÃO, 2001, p. 61).

**Quadro 1: os mundos discursivos**

MUNDOS DISCURSIVOS		
Coordenadas Gerais dos Mundos	<b>Conjunto</b> – quando a organização do conteúdo temático é situada próximo do mundo dos agentes na interação verbal em curso.	EXPOR
	<b>Disjunto</b> – quando a ancoragem espaço-temporal é situada em outro lugar, distante do mundo da interação social em curso.	NARRAR
Relação ao Ato de Produção	<b>Implicado:</b> quando há marcas linguísticas que se referem diretamente aos agentes - produtor, destinatário, como: nomes próprios, pronomes, verbos e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular ou do plural.  <b>Autônomo:</b> quando não apresenta tais marcas.	EXPOR implicado NARRAR implicado  EXPOR autônomo NARRAR autônomo

Fonte: autora com base em (BRONCKART,1999)

## OS TIPOS DE DISCURSOS

Os tipos de discursos são marcas linguísticas parcialmente identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que dão ao texto sua coerência sequencial e configuracional (BRONCKART, 1999, p. 149).

Qualquer que seja o gênero a que um texto pertença, ele é, em princípio (com raras exceções) composto por diferentes segmentos. (...). Esses segmentos podem ser analisados, primeiramente, do ponto de vista das operações psico-lingueiras que os sustentam, que são de dois tipos. Por meio do primeiro tipo de operação (disjunção-conjunção), as coordenadas que organizam o conteúdo temático verbalizado no texto são explicitamente postas à distância das coordenadas gerais da situação de produção do agente (ordem do NARRAR), ou elas não o são (ordem do EXPOR). Por meio do segundo tipo de operação, as instâncias de agentividade verbalizadas são postas em relação com o agente produtor e com sua situação de produção (implicação), ou elas não o são (autonomia). (BRONKART, 2010, p. 170).

Os tipos de discursos se caracterizam pela inscrição (presença ou ausência) de dêiticos de agentividade, espaciais e temporais; organizadores espaço-temporais; a exploração dos tempos verbais; anáforas; e outras unidades linguísticas que também contribuem para a classificação dos tipos. No mundo do EXPOR têm-se **discurso interativo** (implicado) e **discurso teórico** (autônomo), e no mundo do NARRAR: **relato interativo** (implicado) e **narração** (autônomo).

Em primeiro lugar, observamos que os tipos de discurso são elementos constituintes (ou, ainda, constitutivos) dos gêneros e, portanto, os gêneros mobilizam necessariamente tipos de discurso. Em segundo lugar, notamos que os gêneros estabilizam a mobilização de determinado(s) tipo(s) de discurso, o que marcaria, então, um primeiro 'recorte' operado e instituído no plano praxiológico. Em terceiro lugar, e a partir da observação da ocorrência de marcas do discurso interativo em textos de quatro gêneros diferentes, vimos que em princípio certos gêneros de texto demonstram a estabilização da ocorrência de alguns dos traços semióticos dos tipos de discurso em detrimento de outros (MIRANDA, 2008, p. 98).

## O MÉTODO DE ANÁLISE DE TEXTOS - BRONCKART 1999

O método de análise de textos desenvolvido por Bronckart (1999) considera o contexto de produção e a arquitetura interna do texto, caracterizada como um folhado textual que agrupa três camadas sobrepostas e interligadas. Veja o quadro:

**Quadro 2: Método de análise de textos – Bronckart (1999)**

<b>Contexto de produção</b>	<b>Arquitetura interna</b>
<p><b>Parâmetros do mundo físico:</b> Agente (s) produtor (es) e receptor (es), espaço e tempo de produção.</p> <p><b>Parâmetros do mundo social e subjetivo:</b> Espaço e a posição social ocupada pelos agentes, e que influencia na integração das regras, normas e valores;</p> <p><b>Conteúdo temático:</b> - Assunto tratado no texto</p>	<p><b>Infraestrutura textual:</b> - Plano geral do texto, os tipos de discursos, tipos de sequências e outras formas de planificação;</p> <p><b>Mecanismos de textualização:</b> - Conexão, coesão nominal e coesão verbal;</p> <p><b>Mecanismos enunciativos:</b> - As vozes e as modalizações presentes no texto</p>

Fonte: autora, adaptado de Bronckart (1999)

**Até aqui, nos aproximamos da teoria, agora vamos à prática.**

Vejamos a seguir, o quadro com a sinopse das atividades:

## SINOPSE DAS ATIVIDADES

**Quadro 3: Sinopse das atividades de leitura e interpretação inicial**

MOMENTOS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
<b>Momento 1</b>  <b>Antes da leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar a imagem do escritor e perguntar se o conhecem;</li> <li>- Assistir a um vídeo documentário apresentado pela <i>TV Cultura</i>, que se encontra disponível no <i>Youtube</i>, <a href="https://youtu.be/kMZHoLdfLVo">https://youtu.be/kMZHoLdfLVo</a> No qual o próprio Drummond, estudiosos, parentes e amigos o apresentam e comentam sobre sua história de vida, seus textos, o ato de escrever e outros assuntos;</li> <li>- Fazer questionamentos oralmente, motivando os aprendizes para as leituras e estimulando a mobilização dos conhecimentos prévios.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reunir informações sobre o escritor Carlos Drummond de Andrade;</li> <li>- Entender o contexto de produção das crônicas;</li> <li>- Perceber a opinião de especialista sobre seus escritos;</li> <li>- Conhecer o contexto de recepção da leitura (conhecimentos prévios dos estudantes sobre o gênero crônica e o cronista);</li> </ul>
<b>Momento 2</b>  <b>Leitura I</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura da biografia do escritor Carlos Drummond de Andrade;</li> <li>- Responder os questionários sobre a leitura da biografia;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ampliar o leque de informações sobre o escritor;</li> <li>- Confrontar as informações apresentadas na biografia com as informações apresentadas no vídeo;</li> </ul>
<b>Momento 3</b>  <b>Leitura II</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura da crônica <i>Como Comecei a Escrever (1973)</i>.</li> <li>- Responder os questionários sobre a leitura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar no conteúdo das crônicas informações relacionadas à própria vida do cronista;</li> <li>- Conhecer os parâmetros físicos do contexto de produção;</li> <li>- Distinguir autor e narrador;</li> </ul>
<b>Momento 4</b>  <b>Pós-leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Socialização das respostas oralmente; (correção das atividades)</li> <li>- Discursão oral para introduzir as noções de mundos discursivos, narrador e autor empírico;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a função do narrador nos textos;</li> <li>- Reconhecer que é possível narrar em 1ª e em 3ª pessoa (formas de projeção enunciativa);</li> <li>- Perceber que o conteúdo temático de um texto é resultado das representações sociais e psicológicas do agente mediante seus objetivos;</li> </ul>

Fonte: autora

**Quadro 4: Sinopse das atividades dos módulos**

MÓDULOS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
<p>Módulo I</p> <p>Análise da infraestrutura textual – O plano geral do texto na crônica <i>Ciao</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar a crônica <i>Ciao</i> em seu suporte original, o jornal, chamar atenção para a distribuição do texto, o título e a assinatura do autor empírico. (Perguntar se conhecem o significado da palavra <i>Ciao</i>).</li> <li>- Leitura silenciosa da crônica.</li> <li>- Responder as questões de compreensão e interpretação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar o assunto tratado no texto;</li> <li>- Identificar os personagens;</li> <li>- Reconhecer qual é o tipo de crônica;</li> <li>- Diferenciar o mundo ordinário do autor empírico do mundo ordinário do narrador e dos personagens;</li> <li>- Explorar as operações de contextualização, de planejamento e organização;</li> <li>- Identificar se organização do conteúdo temático configura o mundo do EXPOR ou do NARRAR;</li> <li>- Perceber a configuração dos tipos de discursos constituintes do texto;</li> </ul>
<p>Módulo II</p> <p>A infraestrutura textual das crônicas: Os tipos de discursos</p>	<p>1) leitura e análise da crônica <i>Recalcitrante (1974)</i>.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar o título e perguntar se conhecem o valor semântico;</li> <li>- Fazer a leitura silenciosa;</li> <li>- Responder as atividades de compreensão e interpretação da crônica.</li> </ul> <p>2) Leitura e análise da crônica <i>A música popular entra no paraíso</i>.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Antes da leitura, conversar com os alunos sobre Vinícius de Moraes (mostrar uma imagem e perguntar se o conhecem, se já ouviram falar, se leram ou ouviram algumas de suas composições. Tecer comentários sobre o poeta e sua história).</li> <li>- Apresentar um vídeo que se encontra disponível no Youtube, no qual o poeta canta com Tom Jobim a canção <i>Se todos fossem iguais a você</i>.</li> <li>- Apresentar o título da crônica <i>A música popular entra no paraíso (1980)</i> e instigar a levantar hipóteses sobre quais temas serão abordados nessa crônica.</li> <li>- Acompanhar a leitura da crônica que será lida pelo professor (a) ou um aluno (a), em voz alta.</li> </ul> <p>Em seguida, responder a atividade de compreensão e análise discursiva;</p> <p>3) Analisar os tipos de discursos nos segmentos da crônica <i>A música popular entra no paraíso</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Motivá-los para a leitura;</li> <li>- Identificar os personagens e o conteúdo temático;</li> <li>- Identificar, pelas características, qual é o tipo de crônica;</li> <li>- Perceber os elementos que constituem a narrativa (enredo, cenário, os personagens);</li> <li>- Identificar o mundo discursivo criado (EXPOR ou NARRAR);</li> <li>- Perceber o papel das unidades linguísticas na criação dos mundos discursivos e conseqüentemente, dos tipos de discursos;</li> <li>- Identificar os tipos de discursos e a forma como estão articulados;</li> </ul>

<p>Módulo III –leitura e interpretação final</p> <p>- Socialização das compreensões sobre os tipos de discursos e os possíveis efeitos na construção do sentido.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e análise da crônica <i>O Frívolo Cronista</i> (1984);</li> <li>- Realizar as atividades de compreensão e análise linguística identificando as marcas que semiotizam os tipos de discursos constituintes do texto e suas formas de articulação.</li> <li>- Ler novamente a Crônica <i>Ciao</i>.</li> <li>- Realizar a atividade de análise dos tipos de discursos respondendo às questões norteadoras para análise do contexto de produção e as questões do quadro para análise das unidades linguísticas que semiotizam os tipos de discursos.</li> <li>- Leitura das análises interpretativas das crônicas <i>Ciao</i>;</li> <li>- Leitura das análises do contexto de produção e dos tipos de discursos constituintes das crônicas analisadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobilizar as capacidades de linguagem subjacentes para realizar as atividades de leitura, compreensão e análise;</li> </ul> <p>Compreender como o autor mobiliza seus conhecimentos para criar um mundo discursivo, organizando o conteúdo próximo ou distante, CONJUNTA ou DISJUNTA do mundo dos agentes na interação;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender como os agentes se inscrevem ou não na verbalização do conteúdo determinando IMPLICAÇÃO/AUTONOMIA.</li> </ul>
--	---	---

Fonte: autora com base em Bronckart (1999)

## PERGUNTAS NORTEADORAS PARA ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE DISCURSOS NAS CRÔNICAS

Para a análise do contexto de produção e classificação dos tipos de discursos, consideremos as perguntas norteadoras dos quadros abaixo:

**Quadro 5: perguntas norteadoras para analisar o contexto de produção e recepção das crônicas**

<p><b>Parâmetros do mundo físico:</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem escreveu?</li> <li>- De onde escreveu?</li> <li>- Quando?</li> <li>- Para quem escreveu?</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é o lugar social de produção? (escola, editora, estúdio, jornal...)</li> <li>- Qual papel social do escritor? (professor, aluno, escritor, compositor...)</li> </ul>

<b>Parâmetros do mundo social e subjetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual(s) papel social do(s) receptor/leitor (es)? (estudante, professor, leitor de jornal/livro...)</li> <li>- Qual finalidade/objetivo? (qual efeito(s) pretende alcançar/atingir: distrair, divertir, informar, despertar para uma questão social...)</li> </ul>
<b>Conteúdo temático do texto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>(Quais são os conteúdos típicos do gênero crônica?)</li> <li>- Qual é o assunto tratado? (qual a temática)</li> <li>- Qual o suporte de circulação? (livro, jornal, site...)</li> </ul>

Fonte: autora com base em Bronckart (1999)

**Quadro 6: Perguntas norteadoras para a classificação dos mundos discursivos e a classificação dos tipos de discursos**

Apresenta origem temporal? (explicita quando o fato aconteceu)
Apresenta organizadores temporais? (expressões relacionadas à passagem do tempo)
Explora qual (s) tempo (s) verbal? (presente, passado, futuro)
Apresenta dêiticos de agentividade? (nomes próprios, pronomes e adjetivos de 1ª e/ou de 2ª pessoa)
Apresenta dêiticos espaciais (elementos que fazem referência ao espaço da interação)
Apresenta dêiticos temporais? (elementos que fazem referência ao tempo da interação)
Apresenta quais Anáforas? (nominais, pronominais)
Argumenta/explica/generaliza verdades incontestáveis
Os segmentos de discursos são compreensíveis independente do conhecimento sobre as informações contextuais?
Apresenta estruturas dialogadas? (alternância de turnos de fala)

Fonte: autora adaptado de Bronckart (1999)

**APRESENTAÇÃO INICIAL: apresentação da proposta de leitura e análise das crônicas - conhecendo o contexto de recepção das crônicas**

**MOMENTO 1** – Dialogar com os estudantes sobre a proposta de leitura a ser desenvolvida em torno do gênero crônica.

Conversa informal buscando compreender o que os alunos sabem sobre crônicas.

(Vamos dialogar instigando os estudantes a reponder os questionamentos)



## **CRÔNICA**

**O que é crônica?**

**Qual a origem da crônica?**

**Quais as características da crônica?**

**Quais os tipos de crônicas?**

**Quem escreve crônicas?**

**Qual a função social da crônica?**

**Qual (s) assuntos/conteúdos são tratados nas crônicas?**

**Como os conteúdos podem ser organizados?**

**Qual a linguagem utilizada para esse gênero de texto “crônica”?**

**Quais são os tons da crônica?**

**Qual (s) veículo/suportes de circulação?**

**Você já leu alguma crônica? Quem era o cronista?**

**Você conhece algum cronista?**

## .MOMENTO 2: CONHECENDO O GÊNERO CRÔNICA

Após a conversa temos uma noção do conhecimento dos alunos sobre o gênero crônica. Então vamos aprofundar nesse gênero. O professor pode apresentar as informações, o modelo didático do gênero ou orientar para que os alunos pesquisem sobre o gênero crônica.

### ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA

Segundo Coutinho (1971, p. 12), a crônica brasileira teve início com Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) publicada em folhetim no *Jornal do Comércio* em 2 dezembro 1852, e no *Correio Mercantil* em 1854, ambos no Rio de Janeiro. Já a crônica desveladora do social teve início com Paulo Barreto em seu mais popular pseudônimo João do Rio, cuja obra representa “a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante” (COUTINHO, 1971, p. 116).

A definição da palavra, as características e funções da crônica têm passado por mutações ao longo do tempo. Sua origem intimamente ligada ao tempo *chronos* (do latim) e a função *chronica* (do grego), a princípio, retratar a realidade, tal qual, especialmente, de grandes feitos, em textos longos, muitas vezes, modificou-se, transformou-se para além. Mutou-se o nome, o tamanho, o suporte, e por que não, as funções. Passou de informativa, real, objetiva, de grandes fatos à despreziosa, subjetiva, detalhes corriqueiros do cotidiano, de um lugar, da vida, das ações, das emoções, da fantasia e da ficção.

Nasceu “espremida” no jornal, chamada de “folhetim”, no século XIX, era escrita no rodapé. A partir daí, do rodapé, expandiu-se, encolheu-se, ocupou seções diversas. Feita para morrer no dia seguinte, conseguiu se tornar imortal. Nasce com o jornal, mas não morre com ele. ressurgue nos livros, revistas, *sites* e *blogs*.

A crônica de afeição moderna (...). Na verdade, classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria necrológico, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias etc. (...) implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias. (MOISÉS, 1999, p. 133).

Sobre o gênero crônica, podemos dizer que, é um gênero de identidade transitória, dupla ou híbrido, fronteiro ou permeável, entre o jornalismo e a literatura, a realidade e a ficção, o espaço rural e o urbano, o jornal, o livro, o site, o blog. Sua organização foge de padrões hierárquicos, o que permite versatilidade. Tem como tema principal fatos do cotidiano, traduzidos numa linguagem simples, leve, com subjetividade e fantasia busca aproximar, distrair e despertar o leitor para fatos que muitas vezes passam despercebidos. Pode assumir diversas formas: entrevista, ensaio, comentário, resenha, diálogo, monólogo, poema, carta, aforismo, tradução... e, por apresentarem características próximas, podem se sobrepor constituindo formas mistas ou condensadas como: crônica-poema, crônica-entrevista, crônica-carta etc. e ainda, de acordo com o conteúdo, estilo e/ou função ser metafísica, reflexiva, metalinguísticas, irônica, narrativa, humorística, filosófica, humor etc.

A crônica pode ser jornalística quando “o acontecimento que lhe serve de motivo, o cronista não se perde em devaneios”. Mas, quando o cronista, sobre o fato, é tomado pela subjetividade e lirismo e “explora a polissemia da metáfora” (MOISÉS, 1997, p. 255) extrapola o parâmetro jornalístico, tem-se então, “um texto literário dentro do jornal” (COELHO, 2002, p. 156). O assunto que para o repórter é um fim, para o cronista é começo, inspiração.

Quanto ao assunto, a crônica pode tratar qualquer assunto, desde um fato real, notícia à falta de assunto. Como engaja Drummond em sua obra intitulada “*De Notícias e Não Notícias Faz-se a Crônica*”, primeira edição em 1974. Coelho (2002, p. 156) acrescenta que “Na crônica, o assunto é o de menos, e muitas vezes a melhor crônica é a que justamente aponta para o fato de não ter assunto nenhum”.

O cronista vale-se da linguagem simples, natural, leve, coloquial, próxima da oralidade, subjetiva, propositalmente para aproxima-se do leitor e atraí-lo a olhar pela mesma ótica do autor e, assim, conquistar credibilidade e fidelidade. Ao mesmo tempo que leva o leitor a tomar conhecimento do assunto/tema tratado, refletir e despertar para um posicionamento/atitude mais crítica e responsiva não apenas sobre a temática abordada no texto, mas, principalmente, sobre sua visão de mundo, sua filosofia de vida. Sobre a função da crônica, o escritor Carlos Drummond (1984), em uma entrevista para o jornal *O globo* declarou:

É um gênero menor e engraçado, que se enquadra exclusivamente no segundo caderno dos jornais. Esse tem, a meu ver, a função de corrigir o primeiro, que é um estoque fabuloso de terremotos, crimes e misérias. Depois de tomar contato com tudo isso, durante o café da manhã, o leitor precisa de distração. Como cronista, eu me sinto um palhaço, um jongleur, dando saltos e cabriolas, fazendo molecagens. (ANDRADE apud WERNECK, 2012, p. 100).

O cronista, para atingir seus objetivos e causar no leitor as emoções pretendidas, vale-se de recursos linguísticos que determinam a construção dos tons e acabam por aflorar o estilo peculiar do autor. O modo como conduz a narrativa, sua subjetividade e suas influências sócio-históricas e culturais. Os tons se desdobram, se condensam, e podem transversalizar: lírica, humorística, jornalística, irônica, reflexiva, metafísica, narrativa, dissertativa, descritiva etc.

Santana (2016), em sua dissertação de mestrado, retoma Ferreira (2008) que destacou vinte e três classificações de crônica e atentou para a possibilidade de junção/condensação das seguintes modalidades: “descritiva, narrativa, narrativa-descritiva, metalinguística, lírica, reflexiva, humorística, teatral, mundana, visual, metafísica, poema-em-prosa, crônica-comentário, crônica-informação, filosófica, esportiva, policial, jornalística, conto, ensaio e poema” (SANTANA, 2016, p.39).

Vimos que a crônica se desdobra e se contorce para nela se encaixar outros gêneros como composição de seu enredo e flexibilidade do estilo. A forma de retratar o fato que a origina parece ultrapassar a narrativa. A leveza da linguagem similar a uma conversa entre amigos, os assuntos do cotidiano, a opinião, o comentário sobre o fato. A crônica é o “texto em que se reconhece e se valoriza a dimensão do tempo cotidiano, com seus eventos, seres, relações humanas e circunstâncias. (...) a crônica é o relato da vida em forma de linguagem leve, comunicativa, mas, não por isso, isenta de charme, simbologia e literariedade. (RAMALHO, 2012, p. 3).

A crônica narra temas reais ou fictícios. Sua linguagem simples favorece a compreensão leitora, o que estimula a continuação da leitura. Explora elementos da narrativa (acontecimento, narrador, personagem, espaço, tempo e o modo como o fato se desenvolve). Além disso, as crônicas são excelentes para aproximar leitura e análise linguística. Por exemplo, o estudo dos tempos verbais, os marcadores temporais, as marcas de agentividade, os elementos linguísticos que indicam os participantes na ação de linguagem (pronomes, verbos e adjetivos de primeira e/ou segunda pessoa), os dêiticos espaciais, ao caracterizarem o cenário, entre outros conteúdos.

### **ATIVIDADES SOBRE O GÊNERO CRÔNICA**

1. Vimos que a crônica mesmo apresentando características múltiplas e às vezes híbrida apresenta certas regularidades. Sobre as características mais ou menos estáveis da crônica, marque as proposições corretas:

- ( x ) Linguagem leve, simples, semelhante a uma conversa.
- ( x ) Tem como assunto os acontecimentos cotidianos.

- ( ) O cronista não pode expressar sua opinião.
- ( x ) Gênero narrativo que pode apresentar fatos reais e de ficção.
- ( ) O narrador narra sempre em 1ª pessoa.
- ( x ) Situada entre o jornalismo e a literatura.

2. Vimos que a crônica pode se apresentar em diversas roupagens. Os tipos de crônicas se caracterizam pela forma como o autor cria o mundo discursivo para representar o conteúdo, pelo uso dos recursos linguísticos e os diferentes efeitos que podem gerar, pelo tratamento dado ao tema, entre outros. Agora, vamos associar alguns tipos de crônicas às suas características? Assim, podemos perceber o que já sabemos sobre os tipos e as características das crônicas. **Associe os tipos de crônicas às suas características, funções e/ou efeitos:**

- |                            |                              |
|----------------------------|------------------------------|
| a. Crônica narrativa       | f. Crônica jornalística      |
| b. Crônica histórica       | g. Crônica lírica ou poética |
| c. Crônica humorística     | h. Crônica descritiva        |
| d. Crônica metafísica      | i. Narrativa-descritiva      |
| e. Crônica metalinguística | j. crônica dissertativa      |

- ( h ) Explora os detalhes de objetos, lugares, personagens etc.
- ( e ) O autor escreve para falar do ato de escrever, utiliza a crônica para falar da crônica.
- ( g ) Linguagem poética, metafórica, expressa emoções e sentimentos.
- ( j ) O fato ou acontecimento é apresentado pela perspectiva pessoal do narrador, opinião explícita, com argumentação mais sentimentalista que racional.
- ( b ) Relata fatos ou acontecimentos históricos situados no espaço e tempo bem definidos.
- ( i ) Narra o acontecimento e dar detalhes da ação, dos personagens ou do cenário.
- ( c ) Utiliza a ironia, o humor e o sarcasmo para tratar de assuntos que impactam a sociedade, como política e economia, tornando-os cômicos.
- ( a ) Apresenta elementos da narração: narrador, personagens, cenário/espaço e tempo onde o acontecimento se desenvolve. Geralmente, apresenta diálogos entre os personagens.
- ( f ) Apresenta a notícia e argumenta provocando uma reflexão acerca do conteúdo. Tem características narrativa e argumentativa.
- ( d ) Reflete filosoficamente sobre acontecimentos e comportamentos do ser humano.

Agora que você relacionou os tipos de crônicas às suas características, vamos pesquisar e conferir suas respostas. (Os estudantes podem pesquisar na internet, pelo smartphone. Caso não seja possível a pesquisa, o professor viabiliza o conteúdo em forma de texto impresso, *slides* ou vídeos). Depois desse contato com o gênero crônica, vamos iniciar o processo de leitura e análise das crônicas de Carlos Drummond de Andrade.

## LEITURA E INTERPRETAÇÃO INICIAL: Conhecendo o escritor e reconhecendo o gênero crônica.

### Iniciando o trajeto

#### MOMENTO 1: CONHECENDO O ESCRITOR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (1902 – 1987)

##### APRESENTAÇÃO POR IMAGEM.



Fonte: *Revista Galileu*

**Professor, apresente a imagem do escritor, em material impresso ou em *slides*, em seguida, pergunte oralmente:**

- a) Você conhece o homem que está na imagem?
- b) O que você sabe sobre ele?
- c) Você já leu algum texto desse autor? Lembra o título? Qual era o assunto tratado?

##### APRESENTANDO O ESCRITOR ATRAVÉS DE UM VÍDEO

Vamos assistir a um vídeo apresentado pela *TV Cultura* e que se encontra disponível no *Youtube*, <https://youtu.be/kMZH0LdfLVo>. O vídeo inicia com próprio Drummond contando sua história através de trechos de seus poemas e de entrevistas. Parentes, professores e

estudiosos apresentam o escritor Carlos Drummond de Andrade, comentando alguns de seus textos, e o próprio Drummond fala sobre o gênero crônica. Fiquemos atentos às falas.

Agora, vamos responder às questões sobre o conteúdo do vídeo.

### Dialogando sobre o vídeo

1. No vídeo o assunto principal é o escritor CDA. Quais informações mais lhe chamou atenção? (Resposta pessoal)
2. As pessoas que falam no vídeo contam fatos relacionados à vida do escritor. Pela verbalização do conteúdo, é possível perceber que falam de acontecimentos passados. Qual seria o objetivo da TV Cultura ao produzir e apresentar esse vídeo? (Resposta pessoal)

Agora, que você já conheceu CDA pela imagem estática e através das representações apontadas no vídeo, vamos ler sua biografia para complementar as informações.

### MOMENTO 2 – LEITURA DA BIOGRAFIA DO ESCRITOR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

**Carlos Drummond de Andrade (31/10/1902 – 17/08/1987)**



#### **BIOGRAFIA**

Em 31 de outubro de 1902 nascia na pequena cidade de Itabira, no interior de Minas Gerais, aquele que se tornou um dos maiores poetas brasileiros, Carlos Drummond de Andrade. De origem abastada, ele era o nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade. Durante a infância e juventude estudou em

Itabira, Belo Horizonte e Rio de Janeiro — nesta última, no Colégio Anchieta, onde foi expulso por “insubordinação mental”.

Em 1920, muda-se com a família para Belo Horizonte e pouco tempo depois publica seus primeiros trabalhos no jornal *Diário de Minas*; passa a frequentar o meio literário mineiro, tornando-se amigo de Aníbal Machado, Alberto Campos, Pedro Nava, Milton Campos, entre outros. Por pressão paterna, ingressa, em 1923, no curso de Farmácia, no qual gradua-se, mas nunca atuou profissionalmente na área. No ano seguinte, conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e Mário de Andrade — com este trocou inúmeras correspondências ao longo da vida —, que regressavam da famosa “expedição cultural” às cidades históricas de Minas Gerais.

Em 1925, junto com escritores como Manuel Bandeira e Mário de Andrade, Drummond vai publicar *A Revista*, periódico modernista que teve apenas 3 edições, criado para divulgar as ideias do grupo de jovens intelectuais. Nessa mesma época, se casa com Dolores Dutra de Moraes, sua companheira até o final da vida, com quem teve dois filhos, Carlos Flávio e Maria Julieta. O primeiro filho viveu por pouco tempo e inspirou um dos poemas mais tocantes de Drummond, *O Que Viveu Meia Hora*; já sua filha foi seu grande amor e tinham uma relação de amizade muito forte. Drummond considerava que sua vida não tinha grandes acontecimentos, pois levava uma vida comum e o que tinha para ser contado ele já havia transformado em poesia.

Nos anos 30, foi viver com a família no Rio de Janeiro, onde trabalhou por mais de uma década como chefe de gabinete de seu amigo de infância, Gustavo Capanema, no Ministério da Educação. Esse período foi importante para que Drummond pudesse perceber o governo por outras perspectivas e modificasse seu posicionamento político. Além de poeta, foi redator, professor, funcionário público, crítico literário, chegou a trabalhar em alguns programas de rádio entre os anos 1950 e 1960 e foi um grande amante do cinema.

Fonte: <https://institutoling.org.br/explore/a-poesia-autobiografica-de-carlos-drummond-de-andrade>

Você pode saber mais sobre Carlos Drummond de Andrade acessando [A vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas do Brasil - Revista Galileu | Vestibular e Enem \(globo.com\)](#)

## COMPREENSÃO DA BIOGRAFIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

1. No plano geral do texto, qual é o assunto dessa biografia? (um resumo do conteúdo). **R. Acontecimentos da vida e obra do escritor Carlos Drummond, personagem da biografia.**
2. Que tipo de acontecimentos são explorados na biografia (familiar, profissional, religioso, amoroso, político, fatos da vida cotidiana)? Comente:
3. O texto explora os conteúdos temáticos de forma objetiva (limita-se a contar os fatos sem expressar opiniões, sentimentos e emoções) ou subjetiva (a opinião e as emoções do autor se sobressaem)? Justifique sua resposta. **R. os fatos são apresentados de forma objetiva. Não apresenta modalizações deônticas, o autor da biografia não exprime sua opinião, não emite juízo de valor.**
4. O texto é escrito em 1ª ou 3ª pessoa? Qual o efeito que a escolha da pessoa do discurso gera nesse texto? **R. Em 3ª Pessoa. Causa o efeito de distanciamento, impessoalidade, objetividade.**
5. Os fatos apresentados são baseados em acontecimentos da vida do mundo ordinário ou fatos imaginados? **R. Os fatos estão relacionados ao mundo ordinário, à vida real do personagem, o escritor Carlos Drummond.**
6. Os fatos narrados no texto ocorreram no mesmo espaço e tempo em que a biografia foi escrita? Quais marcas linguísticas confirmam sua resposta? **R. Não. Os fatos narrados estão situados no tempo passado.**
7. Os fatos são apresentados em ordem cronológica? Exemplifique: **R. sim. Inicia com a data do nascimento em 1902, e retrata uma sequência de fatos ocorridos desde essa data até 1930.**

No texto biográfico de Carlos de Drummond de Andrade, a história é contada em 3ª pessoa. Quem narra se encontra distante do autor/personagem e seleciona alguns fatos objetivos sobre a sua vida. A biografia apresenta segundo seu autor, a história de vida, os principais

acontecimentos e as obras da pessoa real Carlos Drummond de Andrade. Assim, podemos dizer que o conteúdo apresentado está relacionado ao mundo ordinário do agente produtor.

### MOMENTO 3 – LEITURA DA CRÔNICA *COMO COMECEI A ESCREVER* (1973)

Para conhecer mais sobre o Carlos Drummond cronista, vamos ler a crônica *Como Comecei a Escrever* publicada em (1973), no livro *Poesia completa e prosa*, e na antologia *Para Gostar de Ler*

Pelo título da crônica acreditamos que irá tratar de quais assuntos? Pense! Se você fosse escrever uma crônica com esse título quais assuntos você abordaria? Vamos ler a crônica e descobrir qual ou quais acontecimentos do cotidiano o autor aborda.

#### COMO COMECEI A ESCREVER

Carlos Drummond de Andrade

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau.

Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de Domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.

Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.

Daí por diante as experiências foram se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a leitura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém

falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estava germinando. Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Como comecei a escrever. In: \_\_\_\_\_. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973.

### INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA *COMO COMECEI A ESCREVER*

1. Após a leitura da crônica, suas hipóteses foram confirmadas ou reelaboradas? (Resposta pessoal).
2. Na crônica, no plano geral do texto, qual é o assunto abordado?
  - a. ( ) O narrador revela que a infância foi a melhor fase de sua vida, pois podia ver as gravuras no jornal *Gazeta*.
  - b. ( **x** ) O narrador relata seu interesse pela palavra escrita desde ainda menino, e as contribuições que recebeu das professoras e de amigos que partilhavam do mesmo gosto de escrever.
  - c. ( ) O narrador relata os melhores acontecimentos de sua vida, antes e depois que aprendeu a ler.
  - d. ( ) Sobre as chuvas que atingiram o interior do Brasil, em 1910.
3. O título *Como Comecei a Escrever* faz relação com o conteúdo abordado ao longo da crônica. Liste acontecimentos que contribuíram para que o Drummond se tornasse escritor. **R. Se sentia fascinado pelas gravuras do jornal *Gazeta*, tentava decifrar o mistério das letras, o gosto pelos exercícios de redação e a aplicação dos conhecimentos**

que ia adquirindo, o hábito de viver entre livros e revistas, a amizade com pessoas que também gostavam de escrever.

4. O narrador-relator fazia parte dos acontecimentos relatados, ou seja, estava implicado na cena. Quais marcas linguísticas (nomes, pronomes, verbos e adjetivos de primeira pessoa) confirmam que o agente estava envolvido nos fatos? (possível resposta)

**Eu, mamãe me ajudava, minhas professoras, me permitia, me animavam, meu irmão, mandavam-me, eu tirava, eu tomava parte.**

5. O narrador-relator cita personagens/pessoas que colaboraram para que ele se tornasse escritor. Quem foram esses colaboradores e qual o papel de cada um?

**R. O papai que assinava o jornal *Gazeta*; sua mãe ajudava a decifrar as letras ao redor das gravuras; as professoras passavam exercícios de redação e o elogiavam; o irmão mais velho enviava livros e revistas; os amigos que também gostavam de escrever e compartilhavam opiniões sobre os escritos.**

6. A narrativa apresenta diferentes períodos da vida do narrador-relator em diferentes espaços (em casa, na escola, nos bares). Quais marcadores temporais e espaciais indicam as transições?

**R. Os marcadores temporais: por volta de 1910, aos domingos, três dias depois, sete dias mais tarde, antes, quando, durante, daí por diante, horas e horas, depois, já, hoje. Os marcadores espaciais: interior do Brasil, Rio de Janeiro, a escola, na Capital, na mesa do café.**

7. Leia o trecho da crônica “**Durante** o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação.” Qual o efeito produzido pelo organizador temporal **durante**?

( ) anterioridade      ( **x** ) simultaneidade      ( ) projeção

8. No último parágrafo, o relator destaca a contribuição dos amigos, “troca de experiências e impressões”. De quais experiências e impressões ele se referia?

- a. ( ) de tomar café sentado.
- b. ( ) de morar no Rio de Janeiro
- c. ( ) conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado.
- d. ( **x** ) de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

9. Na crônica é possível perceber marcas de subjetividade, momentos em que o narrador expressa suas impressões e emoções. Assinale as sentenças em que essas marcas aparecem:

- I. ( x ) Alguns elogios da professora me **animavam** a continuar
- II. ( x ) Tentava decifrar o **mistério** das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso.
- III. ( ) Ninguém falava em conto ou poesia
- IV. ( x ) já rapaz, **tive sorte** de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.
- V. ( x ) Aprendi muito com os amigos, e **tenho pena** dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica

10. Você pode se inspirar na crônica lida e produzir uma crônica-relato tematizando algum acontecimento real ou imaginário.

As produções dos alunos poderão ser socializadas com a turma. Cada autor ler sua própria crônica para a turma ou ler a crônica do colega, trocando os textos entre eles.

Vimos que o autor tematiza acontecimentos do seu próprio cotidiano relacionados ao interesse pela escrita, ressaltando suas impressões pessoais sobre o acesso às informações numa época em que não havia rádio nem televisão, e o jornal, principal veículo, chegava pelos correios dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Conta que a partir do interesse pelas gravuras despertou a curiosidade em compreender as letras que estavam ao redor. E, recebeu contribuições importantes de sua mãe, das professoras, de seu irmão e de amigos.

#### MOMENTO 4 – SOCIALIZANDO A APRENDIZAGEM

Socialização das respostas atribuídas às questões das atividades anteriores. Discursão oral. Os alunos comentam suas respostas, justificando-as.

A crônica *Como Comecei a Escrever* constitui-se uma crônica-relato, o conteúdo trata de fatos passados (disjuncto) mundo do NARRAR e o narrador participa da história, conta em 1ª pessoa (implicado). O NARRAR implicado configura o tipo de discurso *relato interativo*. O cronista escreve para refletir sobre o próprio ato de escrever – **crônica metalinguística**.

## Atenção:

Segundo Bronckart (1999), ao produzir um texto o autor empírico cria um mundo discursivo e um narrador que gerencia as vozes no texto e apresenta o conteúdo temático – informações, acontecimentos, emoções sejam reais ou inventados.

Mesmo quando o conteúdo temático está relacionado à vida do autor, este deve ser relacionado ao mundo ordinário do narrador. Assim, mesmo quando as informações contextuais nos fazem inferir que o conteúdo das crônicas se relaciona com o mundo ordinário do autor Carlos Drummond, atribuímos essa relação ao narrador.

Continuaremos com leitura e análise de crônicas de Carlos Drummond de Andrade nos três módulos de atividades a seguir:

### **MÓDULO I - LEITURA E ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DO TEXTO: O plano geral do texto na crônica *Ciao***

A crônica que vamos ler agora, foi a última crônica publicada por Carlos Drummond de Andrade no *Jornal do Brasil*, jornal com o qual contribuiu por 15 anos, de outubro de 1969 a 29 de setembro de 1984, data em que publicou essa crônica intitulada *Ciao*.

Veja a crônica em seu suporte original, o jornal. Observe o nome do jornal, o caderno, a distribuição do texto e a assinatura do autor empírico. Observe o título. Você conhece o valor semântico da palavra *Ciao*? Vamos ler a crônica!



- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas.

Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento deste contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno.

Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados, mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores. Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. Procurou extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam.

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa.

Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda

na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Com esse espírito, a tarefa do croneiro estreado no tempo de Eitácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de 1920? duvido) não foi penosa e valeu-lhe algumas doçuras. Uma delas ter aliviado a amargura de mãe que perdera a filha jovem. Em compensação alguns anônimos e inominados o desancaram, como a lhe dizerem: “É para você não ficar metido a besta, julgando que seus comentários passarão à História”. Ele sabe que não passarão. E daí? Melhor aceitar as louvações e esquecer as descalçadeiras.

Foi o que esse outrora-razap fez ou tentou fazer em mais de seis décadas. Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público. Uma página bem diagramada causava-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feita, o estilo particular de cada diário ou revista eram para ele (e são) motivos de alegria profissional.

As duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido ao extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo. Quinze anos de atividade no primeiro e mais 15, atuais, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista.

E é por admitir esta noção de velho, consciente e alegremente, que ele hoje se despede da crônica, sem se despedir do gosto de manejar a palavra escrita, sob outras modalidades, pois escrever é sua doença vital, já agora sem periodicidade e com suave preguiça. Ceda espaço aos mais novos e vá cultivar o seu jardim, pelo menos imaginário.

Aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo.

29/09/1984 Jornal do Brasil

## COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA CIAO

1. *Ciao* foi a última crônica escrita por CDA para o *Jornal do Brasil*. Você sabe qual a origem e o valor semântico dessa palavra? (pode pesquisar) **Resposta esperada. Vocábulo italiano, com valor semelhante ao Tchau brasileiro.**

2. O título *Ciao* condiz com os conteúdos e o desenvolvimento das ideias apresentados ao longo do texto? Justifique sua resposta: **Resposta pessoal. Esperamos um sim, pois, o narrador usa as expressões “ciao-adeus” e “se despede da crônica”, comunicando aos leitores o fim de sua colaboração com o Jornal do Brasil.**

3. No plano geral da crônica, qual é o assunto abordado? **R. Fala sobre um homem, cronista que escreveu por mais de 64 anos e agora encerra a carreira, se despede e agradece aos leitores.**

4. A ação de linguagem é motivada por algum objetivo e destinada a alguém, a um ou a vários destinatários, quer esteja explícito ou não. Sabendo que o agente produtor é Carlos Drummond. Quem é seu destinatário, ou seja, para quem ele escreveu? **R. Aos leitores do jornal do Brasil.**

(Na oportunidade, comentar sobre a transição da crônica do jornal para outros suportes: livro, antologias, sites, blogs, e conseqüentemente, chegará a outros públicos leitores).

5. De acordo com os seus conhecimentos sobre o cronista Carlos Drummond, o assunto tratado na crônica *Ciao* está relacionado ao mundo ordinário do agente produtor Carlos Drummond? Justifique sua resposta. **R. (Resposta esperada) Sim. Através da leitura da biografia e do conteúdo apresentado no vídeo é possível inferir que o assunto da crônica se relaciona com a história de vida do autor empírico. Contudo, mesmo diante dos indícios de relação do conteúdo com o mundo ordinário do agente produtor, essa relação deve ser atribuída à figura do narrador.**

6. Mesmo o conteúdo temático estabelecendo relação com o mundo ordinário (mundo real) do cronista, autor empírico, para apresentar o conteúdo temático, ele cria um narrador, um agente que narra os acontecimentos e gerencia as vozes no texto. Na crônica *Ciao*, o narrador escreve como alguém que testemunhou ou como alguém que vivenciou os acontecimentos? Quais marcas linguísticas no texto respaldam sua resposta? **R. Narra como**

alguém que testemunhou os acontecimentos. Os pronomes, verbos e adjetivos de terceira pessoa caracterizam o distanciamento, disjunção.

7. Ao apresentar os acontecimentos, o narrador explora os tempos verbais presente e passado. Destaque os verbos na crônica. Qual tempo verbal predomina? Por que o autor utilizou tal tempo verbal, qual efeito de sentido produz? **R. Passado é o tempo verbal predominante. Utilizado para falar de fatos passados e acabados. Os verbos no tempo presente relacionam-se ao tempo da narrativa.**

8. Na crônica *Ciao*, o autor discorre sobre características do próprio gênero crônica, argumenta sobre a que se espera do cronista e a função social da crônica. Sobre as ideias apresentadas pelo autor assinale as alternativas corretas:

- O cronista escreve com o objetivo de comover e distrair o leitor.
- O cronista deve fazer de tudo para provocar o riso no leitor.
- A crônica pode tratar sobre qualquer assunto.
- Despertar para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadição de espírito.
- A crônica deve tratar apenas de fatos reais ocorridos no dia-a-dia.
- Os acontecimentos citados serviram de assunto para as crônicas do autor.

9. Na crônica, ao argumentar as vantagens da profissão de cronista em relação a outros profissionais do jornal, o narrador faz uso dos verbos “não abriga”, “não exige”, “dispensa”. Esses verbos estão em qual tempo verbal? Quais efeitos de sentido esse tempo verbal exprime? (o aluno pode pesquisar na internet, utilizando o *smartfone* ou computador da escola). **R. Os verbos estão no tempo presente. Expressa atualidade, sincroniza os fatos narrados ao momento da fala.**

10. Quanto às atribuições dos profissionais apontados na crônica. Relacione as colunas:

a.	Cronista	<b>( c )</b> Responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece;
b.	Editorialista	<b>( b )</b> forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas;

c. Repórter	( <b>a</b> ) <i>desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito</i>
-------------	---

11. O narrador cita vários acontecimentos históricos nacionais e internacionais vivenciados pelo cronista ao longo de mais de seis décadas, e que certamente, serviram de assunto para suas crônicas. Contudo, ele destaca que “*as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores*”. **Com base na afirmação assinale V para verdadeiro e F para falso:**

( **V** ) A cronista não precisa de grandes acontecimentos para se inspirar a escrever crônicas;

( **F** ) A crônica é feita exclusivamente, a partir das notícias publicadas nos jornais.

( **V** ) a crônica explora os assuntos do cotidiano.

( **F** ) A crônica é uma reprodução fiel da realidade;

12. Na frase, “*Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado*”. a palavra destacada refere-se:

a. ( ) ao cronista.

c. ( **x** ) aos acontecimentos citados.

b. ( ) às crônicas.

d. ( ) às emoções sorrindo e zangado.

13. Releia o trecho:

*Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados, mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens;*

▪ No fragmento do texto, o cronista rememora alguns acontecimentos históricos que certamente serviram de assunto para suas crônicas. Agora, em duplas ou em trios, vamos pesquisar sobre cada um dos acontecimentos citados.

Observação: Organizar um painel com os resultados das pesquisas (imagens, trechos de reportagens, informações importantes, vídeos etc.), para socializar com a turma.

Continuaremos com leitura e análise da *infraestrutura textual* das crônicas drummondianas. Vamos compreender sobre o *plano geral do texto* e a construção dos *mundos discursivos* e a configuração dos *tipos de discursos*.

**Vamos lá!**

## MÓDULO II - INFRAESTRUTURA TEXTUAL DAS CRÔNICAS: Os tipos de discursos

Nesse módulo, buscamos articular a atividade de leitura à análise discursiva - mobilização da capacidade discursiva, através da leitura e análise da *infraestrutura textual* das crônicas *Recalcitrante* (1974) e, *A música popular entra no paraíso* (1980), buscando identificar o *plano geral do texto*, um resumo do conteúdo temático; e *os tipos de discursos*, a forma como esse conteúdo está organizado em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem (se próximo ou distante) apontando como se caracteriza a criação dos mundos discursivos EXPOR e NARRAR, e a forma como os agentes em ação no mundo discursivo se inscrevem no texto (se explicita ou não, as relações que mantêm com os parâmetros físicos da ação de linguagem) *implicação* ou *autonomia*. Para tal, é importante compreender os parâmetros do contexto relacionado ao autor, agente produtor do texto na interação verbal relacionada ao mundo ordinário, e o narrador, figura criada pelo autor para gerenciar as vozes no texto.

A identificação do mundo discursivo se faz observando a relação entre as coordenadas organizadoras do conteúdo temático do texto e sua relação com o ato de produção, com mundo ordinário dos agentes no espaço-tempo em que ocorre a ação de linguagem:

- 1) DISJUNTA - quando as representações mobilizadas se situam em lugar e tempo diferentes daqueles em que se situam os agentes da interação constituindo o mundo do NARRAR.

2) **CONJUNTA** - quando essas representações estabelecem relação com o contexto de interação em que o texto está sendo produzido constituindo o mundo do EXPOR.

Após a identificação dos mundos, observa-se a presença de unidades linguísticas que inscrevem os agentes na interação, marcas de primeira e/ou de segunda pessoa do singular e/ou do plural (nomes próprios, pronomes, verbos e adjetivos); e as inscrição do espaço e/ou o tempo (dêiticos espaciais e temporais). Quando apresenta essas marcas há **IMPLICAÇÃO**. Quando não apresenta há **AUTONOMIA**.

As formas de implicação e autonomia se entrecruzam com o **NARRAR** e o **EXPOR**, configurando os quatro mundos discursivos: *NARRAR implicado*, *NARRAR autônomo*; *EXPOR implicado* e *EXPOR autônomo*, e cada um desses mundos discursivos corresponde a um tipo de discurso. Conforme Bronckart (1999), no mundo do **EXPOR**: *discurso interativo* (implicado) e *discurso teórico* (autônomo). No mundo do **NARRAR**: *relato interativo* (implicado) e *narração* (autônomo).

## LEITURA E ANÁLISE DA CRÔNICA *RECALCITRANTE*

Vamos ler a crônica *Recalcitrante* publicada em 1974, no livro *De notícias e não Notícias faz-se a crônica*.

Observe o título **Recalcitrante**. Você sabe o sentido dessa palavra? Já a utilizou?

Vamos fazer uma leitura silenciosa e descobrir qual o assunto abordado, como se desenvolve, onde e quando, e quem são os personagens.

### **Recalcitrante**

Carlos Drummond de Andrade

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?

O moço (pois ostentava barba e cabeleira amazônica, sinais indiscutíveis de mocidade), nem-te-ligo.

O trocador esfregou as mãos no rosto, em gesto de enfado e desânimo, diante de situação tantas vezes enfrentada, e murmurou:

— Esses caras são de morte.

Devia estar pensando: Todo ano a mesma coisa. Chegando o verão, chegam problemas. Bem disse o Dario, quando fazia gol no Atlético Mineiro: Problemática demais. Estava cansado de advertir passageiros que não aprendem como viajar em coletivo. Não aprendem e não querem aprender. Tendo comprado passagem por sessenta e cinco centavos, acham que compraram o ônibus e podem fazer dele casa da peste. Mas insistiu:

— Moço! Ô moço!

Nada. Dormia? Olhos abertos, pernas cabeludas ocupando cada vez mais espaço, ouvia e não respondia. Era preciso tomar providência:

— O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?

O cavalheiro, vê lá se ia se meter numa dessas. Ignorou, olímpico, a marcha do caso terrestre. Embora sem surpresa, o cobrador coçou a cabeça. Sabia de experiência própria que passageiro nenhum quer entrar numa fria. Ficam de camarote, espiando o circo pegar fogo. Teve, pois, que sair do seu trono, pobre trono de trocador, fazendo a difícil ginástica de sempre. Bateu no ombro do rapaz:

— Vamos levantar?

O outro mal olhou para ele, do longe de sua distância espiritual. Insistiu:

— Como é, não levanta?

— Estou bem aqui.

— Eu sei, mas é preciso levantar.

— Levantar pra quê?

— Pra quê, não. Por quê. Seu calção está molhado de água do mar.

— Tem certeza que é água do mar?

— Tá na cara.

— Como tá na cara? Analisou?

Forrou-se de paciência para responder:

— Olha, o senhor está de calção de banho, o senhor veio da praia, que água pode ser essa que está pingando se não for água do mar? Só se...

— Se o quê?

— Vamos, diz o que pensou.

— Não pensei nada. Digo que o senhor tem de levantar porque seu calção está ensoado e vai fazendo uma lagoa aí embaixo.

— E daí?

— Daí, que é proibido.

— Proibido suar?

— Claro que não.

— Pois eu estou suando, sabe? Não posso suar sentado, com esse calorão de janeiro? Tenho que suar de pé?

— Nunca vi suar tanto na minha vida. Desculpe, mas a portaria não permite.

— Que portaria?

— Aquela pregada ali, não está vendo? “O passageiro, ainda que com roupa sobre as vestes de banho molhadas, somente poderá viajar de pé.”

— Portaria nenhuma diz que o passageiro suado tem que viajar de pé. Papo findo, tá bom?

— O senhor está desrespeitando a portaria e eu tenho que convidar o senhor a descer do ônibus.

— Eu, descer porque estou suado? Sem essa.

— O ônibus vai parar e eu chamo a polícia.

— A polícia vai me prender porque estou suando?

— Vai botar o senhor pra fora porque é um... recalcitrante.

O passageiro pulou, transfigurado:

— O quê? Repita, se for capaz.

— Re... calcitrante.

— Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!

— Eu? Não insultei.

— Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.

— Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante...

— Não tenho nada com a portaria. Tenho é com você, seu cretino. Retira já a expressão, ou...

Retira não retira, o ônibus chegou ao meu destino, e eu paro infalivelmente no meu destino. Fiquei sem saber que consequências físicas e outras teve o emprego da palavra recalcitrante”

### COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA *RECALCITRANTE* (1974)

1. Qual o significado da palavra *Recalcitrante*? (Pode pesquisar)  
**R. Teimoso, resistente.**
2. Sobre a temática abordada na crônica *Recalcitrante*, marque as afirmações verdadeiras:
  - ( **x** ) Apresenta duas problemáticas. A teimosia do passageiro e o desconhecimento da palavra recalcitrante.
  - ( **x** ) Tematiza o comportamento de um jovem que se recusa a obedecer a portaria que proíbe passageiros sentarem no banco do ônibus com as vestes molhadas.
  - ( ) Tematiza a teimosia de um jovem, passageiro que utilizava o transporte público/coletivo e se recusava a pagar a passagem.
  - ( **x** ) apresenta a confusão entre o cobrador e um passageiro que não conhecia o significado da palavra recalcitrante.
3. O passageiro não gostou de ser chamado de recalcitrante. De acordo com o texto, ele conhecia o significado dessa palavra? Aponte no texto o trecho que justifica sua resposta:

R. Não. Conforme o trecho “Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso”.

4. Por que o cobrador chamou o passageiro de recalcitrante?

R. Porque o passageiro insistia em viajar sentado com as roupas de banho molhadas, desrespeitando a portaria que proíbe tal ato.

5. A crônica *Recalcitrante* trata de três questões sociais. São elas: o mau comportamento de jovens banhistas, o baixo nível de conhecimento linguístico e a agressão como forma de resolver problemas. Quando a crônica provoca reflexões sobre o comportamento humano, essa crônica é:

a. ( ) metalinguística      b. ( x ) metafísica      c. ( ) descritiva

6. O texto apresenta segmentos dialogados (discurso interativo). Observando apenas os diálogos é possível identificar quem são os personagens que interagem na cena? Onde e quando? Quais marcas linguísticas no texto, nos faz inferir sobre tais informações?

R. Não. A compreensão dos segmentos de discurso interativo depende dos segmentos de narração que os antecedem (o discurso principal em que este está encaixado). **O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, (...) no piso do ônibus, (...).**

7. A crônica *Recalcitrante* apresenta segmentos narrados (narração) e segmentos dialogados (discurso interativo). Sobre a compreensão dos segmentos, marque V para as alternativas verdadeiras e F para as alternativas falsas:

- a. ( v ) a compreensão dos segmentos de discurso interativo (diálogos) depende da introdução ilustrada pelo discurso de narração.
- b. ( ) a compreensão dos segmentos de narração depende exclusivamente do segmento de discurso interativo.
- c. ( v ) a compreensão dos segmentos de narração não depende dos segmentos de discurso interativo.
- d. ( ) é possível compreender os segmentos de narração e de discurso interativo independentes um do outro.

8. Nos segmentos de narração, o narrador apresenta o contexto espacial e temporal, situa os personagens sob um ponto de vista e conta a história. O narrador interfere na cena ou apenas observa e narra os acontecimentos? Justifique sua resposta?

R. Apenas observa e narra. Ausência de pronomes, verbos e adjetivos de primeira pessoa.

9. O fato aconteceu em lugar e tempo diferentes daquele em que o narrador escreve/conta na crônica. Logo, está no mundo do NARRAR, situado distante (disjunto) do agente que verbaliza. Quais marcas linguísticas indicam a disjunção?

R. A Exploração dos verbos no tempo passado; os organizadores temporais (*Todo ano a mesma coisa/ chegando o verão/ quando fazia gol...*); pronome demonstrativo para se referir seres distantes (*daquele passageiro*); Organizadores espaciais (*banco lateral/ piso do ônibus/ seu trono/ o ônibus chegou ao meu destino*)

10. Leia o trecho da crônica e responda as questões **a, b, c, d**:

#### **Recalcitrante**

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— *Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?*

[...]

— *O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?*

[...]

— *O senhor está desrespeitando a portaria e eu tenho que convidar o senhor a descer do ônibus.*

— *Eu, descer porque estou suado? Sem essa.*

— *O ônibus vai parar e eu chamo a polícia.*

— *A polícia vai me prender porque estou suando?*

— *Vai botar o senhor pra fora porque é um... recalcitrante.*

O passageiro pulou, transfigurado:

— *O quê? Repita, se for capaz.*

— *Re... calcitrante.*

— *Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!*

— *Eu? Não insultei.*

— *Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.*

— *Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante...*

— *Não tenho nada com a portaria. Tenho é com você, seu cretino. Retira já a expressão, ou... (ANDRADE, 1974, p. 39-40) (destaques meus)*

a. Para representar a conversa o autor criou um mundo discursivo que situa os personagens no mesmo espaço e tempo em que ocorre a interação verbal (implicados). Localize nos segmentos de discurso interativo (estruturas dialogadas), marcas linguísticas que se referem diretamente aos personagens na cena. (nomes próprios, verbos, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e/ou do plural).

*R. moço, senhor, distinto, eu, estou, [eu] chamo, me, te, você, tenho, sei*

b. No texto, as unidades linguísticas que se referem aos agentes, ao espaço e ao tempo são os dêiticos de agentividade, espaciais e temporais, respectivamente. Exemplifique esses dêiticos:

*R. Dêiticos de agentividade –moço, senhor, distinto, eu, me, te, você.*

*Dêiticos espaciais – banco lateral, ônibus, aí, fora.*

*Dêiticos temporais – já.*

c. No segmento de *Narração* os verbos são explorados no tempo passado, enquanto nos segmentos dialogados são explorados no tempo presente. Qual efeito de sentido essa escolha produz? *R. Na Narração, os verbos no passado caracterizam a disjunção, o distanciamento entre os acontecimentos narrados e o momento da interação, já, no discurso interativo, os verbos no presente sincroniza os acontecimentos ao momento da interação.*

d. Nessa crônica, o narrador está implicado, envolvido na cena (narra em 1ª pessoa) ou autônomo, alguém que apenas observa (narra em 3ª pessoa)? *R. autônomo, narra em 3ª pessoa.*

11. Leia o trecho “**Todo ano** a mesma coisa. Chegando **o verão**, chegam problemas. Bem disse o Dario, **quando** fazia gol no Atlético Mineiro: Problemática demais.” As palavras destacadas têm função de:

Organizadores temporais

Organizadores espaciais

Ao analisar a crônica *Recalcitrante* pode-se perceber que o texto possui segmentos do tipo de discurso **Narração** – o narrador conta fatos situados no passado, sem fazer parte ou interferência neles. E, segmentos de **Discurso interativo** – estruturas dialogadas, conversa

entre os personagens agentes na ação de linguagem posta em cena. Vimos também que, a compreensão dos segmentos de **Discurso interativo** depende dos segmentos de **Narração** em que estão encaixados.

Continuaremos como a leitura e análise dos tipos de discursos na crônica *A música popular entra no paraíso* (1980).

## LEITURA E ANÁLISE DA CRÔNICA *A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO* (1980)

### Antes da leitura

Diálogo interativo contextualizando o assunto da crônica a ser lida.

Professor, aproveite esse momento para falar sobre Vinícius de Moraes e introduzir o conteúdo da crônica.

Certamente, você já ouviu falar em Vinícius de Moraes, já leu ou ouviu algum de seus textos. Para saber mais sobre esse famoso poeta acesse: [Vinicius de Moraes: biografia, obras e poemas - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](http://todamateria.com.br).

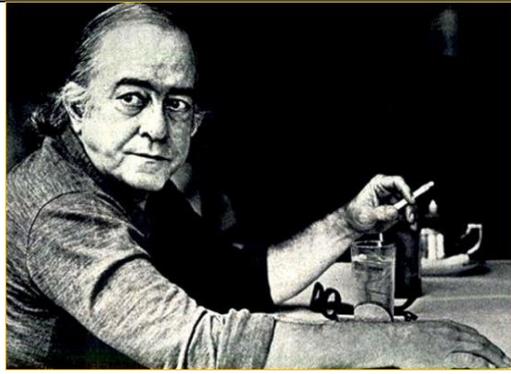
Em seguida, vamos ouvir uma canção na voz de Tom Jobim e Vinícius de Moraes *Se todos fossem iguais a você* disponível no link <https://youtu.be/Vd0k2bi7GGI>

### Leitura

Observe o título da crônica *A música popular entra no paraíso*.

Leitura da crônica, em voz alta, realizada pelo professor (a) ou aluno (a).

*A música popular entra no paraíso*



Deus – Quem é este baixinho que vem aí, ao som do violão, de copo cheio na mão?

São Pedro – Senhor, pelos indícios, só pode ser o vosso servo Vinicius, Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis.

Deus – Será que ele vem fazer alauza no céu, perturbando o coro dos meus anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?

São Pedro (hesitante) – Bem... Eu acho, com a devida licença, que ele traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico, é certo, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros seus avós, os quais já têm assentos cativos junto ao vosso trono, Senhor. Coisa mui digna de vossa especial atenção.

Deus – Hum, hum...

São Pedro – Posso continuar, Senhor?

Deus – Vá dizendo, Pedro. É sabido que você tem um fraco por essa gente que canta de noite, esteja ou não pescando, principalmente não estando.

São Pedro – Pois eu digo, Senhor, que esse baixinho aí, todo simpatia e delicadeza, é um de vossos bons servidores na Terra, pois combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade, e compôs os cânticos profanos que, elevando o coração dos ouvintes, fazem o mesmo que os cânticos sagrados.

Deus (surpreso) – O mesmo?

São Pedro – O mesmo, Senhor, porque vós permitistes ao homem trilhar a vida direta ou a vida indireta, conforme o gosto dele. Este poetinha escolheu a segunda, por inclinação natural, e manifestou à sua maneira própria o amor à humanidade, distribuindo-o de preferência, na medida do possível, a umas quantas eleitas.

Deus – Não terá sido antes dispersão do que concentração?

São Pedro – As duas coisas, mas unidas tão sutilmente! E essa unidade paradoxal, mas espontânea, produziu os hinos do amor carnal, nos quais foi glorificado o corpo que concedestes às criaturas, e por essa forma glorificou-se a vossa divina Criação.

Deus – Menos mal, se assim foi. Então Psse... como lhe chamas?

São Pedro – Vinicius, não o patrício romano, que o amor conduziu do paganismo à fé cristã, mas o de Melo Moraes, filho de pais que curtiam o Quo Vadis. Este nasceu diretamente para o amor, e não precisou meter-se nas embrulhadas do paganismo de Nero para achar o rumo de sua alma. Ele já estava traçado pelas estrelas de outubro, vossas mensageiras. Vinicius nasceu com a célula poética, e esta desabrochou em cânticos variados, na voz de seus lábios e na dos instrumentos. Com estes cânticos ele encantou o seu povo. E era um povo necessitado de canto, um canto tão necessitado mesmo!

Deus – Ele deu alegria ao meu povo?

São Pedro (exultante) – Se deu, Senhor! E para isso não precisava sempre compor canções alegres. Ia até o fundo das canções tristes, mas dava-lhes uma tal doçura e meiguice que as pessoas, ouvindo-as, não sabiam se choravam ou se viam consoladas velhas mágoas. Era um coração se desfazendo em música, Senhor. Deu tanta alegria ao povo, que até a última hora de sua vida (esta não chegou a ser longa, mas se alongou em canção) trabalhou com seu fiel parceiro Toquinho para levar às crianças um tipo musical de felicidade. Morreu, pois, a vosso serviço, Senhor.

Deus (disfarçando a emoção) – Mandé entrar, mandé entrar logo esse rapaz.

Vinicius entra rodeado de anjos, crianças, virgens e matronas que entoam mansamente:

Se todos fossem iguais a você,  
que maravilha viver!  
Uma canção pelo ar,  
uma mulher a cantar,  
uma cidade a cantar,  
a sorrir, a cantar, a pedir  
a beleza de amar,  
como o sol, como a flor, como a luz,  
amar sem mentir nem sofrer.  
Existiria a verdade,  
verdade que ninguém vê,  
se todos fossem no mundo  
iguais a você!

De vários pontos, vêm-se aproximando Sinhô, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, Ciro Monteiro, Noel Rosa, Dolores Duran, Orfeu, Eurídice, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Portinari, Murilo Mendes, Mayza, Lúcio Rangel, Tia Ciata, Santa Cecília, Antônio Maria, Bach, Ernesto Nazaré, Jaime Ovalle, Chiquinha Gonzaga e outros e outros e outros que não caberiam neste relato, mas cabem na imensidão do céu e som, e unem-se ao coral:

Teu caminho é de paz e de amor.  
Abre os teus braços e canta  
a última esperança,  
a esperança divina  
de amar em paz!

## Pós-leitura

### COMPREENSÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DA CRÔNICA *A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO*

1. Analise o título da crônica *A música popular entra no paraíso* e responda:

As expressões destacadas referem-se respectivamente a:

- a) ( **x** ) Vinícius de Moraes e ao céu.                      c) ( ) Vinícius de Moraes e a São Pedro.  
b) ( ) Carlos Drummond e Deus.                              d) ( ) Vinícius de Moraes e Deus.

2. Sobre a composição da crônica lida, assinale V para verdadeiro e F para falso:

- a. ( **F** ) É um texto informativo com informações verdadeiras;  
b. ( **V** ) É um texto dialogado com marcas de oralidade;  
c. ( **V** ) Representa uma conversa entre personagens;  
d. ( **F** ) O assunto é tratado de modo objetivo;  
e. ( **V** ) Apresenta marcas de subjetividade;  
f. ( **F** ) Apresenta características do gênero peça de teatro;  
g. ( **V** ) Está situado no plano ficcional;

3. O assunto tematizado nessa crônica está relacionado ao mundo ordinário do escritor Carlos Drummond de Andrade e dos leitores do Jornal do Brasil, a morte de Vinícius de Moraes. Contudo, o conteúdo verbalizado relaciona-se ao mundo dos personagens postos em cena na crônica.

- Sobre o que os personagens conversam? Qual é o objetivo da conversa?

**R. O assunto da crônica é a chegada de Vinícius de Moraes no céu. São Pedro objetiva convencer Deus a deixar Vinícius entrar no céu.**

4. Cite alguns argumentos utilizados por São Pedro para alcançar seu objetivo:

**R. (livre escolha) a exemplos: vosso servo; ele traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico...; combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade...**

5. Se desconsiderarmos as propriedades do contexto, apenas pela leitura do texto é possível identificar quando e onde a interação verbal aconteceu? Justifique sua resposta:

Não é possível saber quando, pois o texto não apresenta origem temporal. Mas, é possível saber onde. Conforme a fala de Deus “Será que ele vem fazer alaúza no céu, perturbando o coro dos meus anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?”

6. Leia o trecho da conversa entre Deus e São Pedro e marque V para verdadeiro e F para falso nas afirmações abaixo:

Deus – Quem é este baixinho que vem aí, ao som do violão, de copo cheio na mão?

São Pedro – **Senhor**, pelos indícios, só pode ser o vosso servo **Vinicius**, Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis.

Deus – Será que **ele** vem fazer alaúza no **céu**, perturbando o coro dos meus anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?

- ( V ) Nos diálogos, os verbos sublinhados estão no tempo presente.
- ( F ) O baixinho Vinicius de Moraes interage nessa conversa.
- ( V ) O baixinho Vinicius de Moraes é o tema da conversa.
- ( V ) O céu é o cenário onde ocorre a interação verbal.
- ( F ) Na fala de São Pedro, a palavra “**Senhor**” refere-se ao Vinicius de Moraes
- ( V ) O dialogo envolve os personagens Deus e São Pedro.
- ( V ) Os personagens estão no mesmo espaço e tempo, falando de acontecimentos passados.

7. Observe o quadro 6, abaixo:

**Quadro 6: Perguntas norteadoras para a classificação dos mundos discursivos e a identificação dos tipos de discursos**

Apresenta estruturas dialogadas, alternância de turnos de fala? Frases interrogativas, exclamativas, imperativas?
Apresenta origem temporal? (explicita quando o fato aconteceu)
Apresenta organizadores temporais? (expressões relacionadas à passagem do tempo)
Explora qual (s) tempo (s) verbal? (presente, passado, futuro)
Apresenta dêiticos de agentividade? (nomes próprios, pronomes e adjetivos de 1ª e/ou de 2ª pessoa)
Apresenta dêiticos espaciais (elementos que fazem referência ao espaço da interação)
Apresenta dêiticos temporais? (elementos que fazem referência ao tempo da interação)
Apresenta anáforas? (nominais, pronominais)
Argumenta/explica/generaliza verdades incontestáveis?
Os segmentos de discursos são compreensíveis independente do conhecimento sobre as informações contextuais?

Fonte: autora adaptado de Bronckart (1999)

- Com base nas *perguntas* norteadoras, analise os segmentos da crônica, apontando as unidades linguísticas que configuram os tipos de discurso e os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguístico-discursivas.

Segmentos da crônica <i>A música popular entra no paraíso</i>	Unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos e os efeitos de sentidos produzidos.
<p>Deus – Quem <u>é este baixinho</u> que <u>vem aí</u>, ao som do violão, de copo cheio na mão?</p> <p>São Pedro – <b>Senhor</b>, pelos indícios, só <u>pode</u> ser o <b>vosso</b> servo <b>Vinicius</b>, Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis.</p> <p>Deus – Será que ele <u>vem</u> fazer alaúza no <b>céu</b>, perturbando o coro dos <b>meus</b> anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?</p> <p>São Pedro (hesitante) – Bem... <b>Eu acho</b>, com a devida licença, que <b>ele traz</b> um som novo, mais terrestre, menos beatífico, <u>é certo</u>, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros <b>seus</b> avós, os quais <b>já</b> têm assentos cativos junto ao <b>vosso</b> trono, <b>Senhor</b>. Coisa mui digna de <b>vossa</b> especial atenção.</p> <p>Deus – Hum, hum...</p> <p>São Pedro – <u>Posso</u> continuar, <b>Senhor</b>?</p> <p>Deus – <u>Vá dizendo</u>, <b>Pedro</b>. <u>É</u> sabido que <b>você tem</b> um fraco por essa gente que canta de noite, esteja ou não pescando, principalmente não estando.</p> <p>São Pedro – Pois <b>eu digo</b>, <b>Senhor</b>, que <b>esse baixinho aí</b>, todo simpatia e delicadeza, <u>é</u> um de <b>vossos</b> bons servidores na Terra, pois <u>combateu</u> a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade, e <u>compôs</u> os cânticos profanos que, elevando o coração dos ouvintes, fazem o mesmo que os cânticos sagrados.</p> <p>Deus (surpreso) – O mesmo?</p>	<p>Apresenta estruturas dialogadas; A compreensão é possível mesmo sem o conhecimento da ação de linguagem que deu origem à produção, pois, os nomes dos personagens antecedem suas falas; A interação é marcada pela alternância de turnos de fala e por numerosas frases não declarativas (interrogativa, exclamativa e imperativa);</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) A ausência de ancoragem espaço-temporal determina que os agentes estão situados no mesmo espaço-tempo da interação verbal;</li> <li>2) Unidades que remetem diretamente aos agentes, nomes próprios, pronomes verbos e adjetivos em 1ª e 2ª pessoa (<i>senhor, meus, eu, vosso, vossa, Pedro, você</i>);</li> <li>3) Verbos no tempo presente (<i>é, vem, pode, acho, traz, posso, tem, digo</i>); e verbos no tempo passado expressando anterioridade (<i>combateu, compôs</i>);</li> <li>4) Frases interrogativas;</li> <li>5) Frase imperativa (<i>vá dizendo</i>);</li> <li>6) Unidades que remetem a objetos/ pessoas e/ou ao espaço e tempo acessíveis aos agentes: ostensivos (<i>este baixinho, Vinicius, anjos-cantores, aí, ele, esse baixinho aí</i>); dêiticos espaciais (<i>céu</i>); dêiticos temporais (<i>já</i>);</li> <li>7) Auxiliar de modo “poder” (<i>só pode ser</i>);</li> </ol> <p>Marcas de oralidade (hum..., vá dizendo);</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>8) A indicação entre parêntese expressando oção orienta o ator no momento da resentação/encenação da peça.</li> </ol>

<p>(...) São Pedro – Vinicius, não o patrício romano, que o amor conduziu do paganismo à fé cristã, <b>mas</b> o de Melo Moraes, filho de pais <b>que</b> curtiam o Quo Vadis. <i>Este nasceu diretamente para o amor, e não precisou meter-se nas embrulhadas do paganismo de Nero para achar o rumo de sua alma. Ele já estava traçado pelas estrelas de outubro, vossas mensageiras. Vinicius nasceu com a célula poética, e esta desabrochou em cânticos variados, na voz de seus lábios e na dos instrumentos. Com estes cânticos ele encantou o seu povo. E era um povo necessitado de canto, um canto tão necessitado mesmo!</i> (...)</p>	<p>Para explicar para Deus quem foi Vinicius, São Pedro argumenta, distinguindo-o e exaltando suas ações. Esse trecho apresenta segmento do <i>discurso teórico</i> e segmentos de <i>Narração</i>.</p> <p>Marcas do <i>discurso teórico</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizadores lógico-argumentativos;</li> <li>- Referências intertextuais: (personagens - históricos – políticos de Roma, e o <i>Quo vadis</i>);</li> <li>- Frases passivas;</li> <li>- Anáforas com função dêitica intertextual;</li> </ul> <p>Marcas do discurso <i>Narração</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizadores temporais;</li> <li>- Verbos no passado;</li> <li>- Anáforas pronominais;</li> <li>- Anáforas nominais por substituição lexical;</li> <li>- Origem espaço-temporal implícita (nascimento de Vinicius);</li> </ul>
<p>São Pedro (exultante) – Se deu, <b>Senhor!</b> <i>E para isso não precisava sempre compor canções alegres. Ia até o fundo das canções tristes, mas dava-lhes uma tal doçura e meiguice que as pessoas, ouvindo-as, não sabiam se choravam ou se viam consoladas velhas mágoas.</i> Era um coração se desfazendo em música, <b>Senhor.</b> <i>Deu tanta alegria ao povo, que até a última hora de sua vida (esta não chegou a ser longa, mas se alongou em canção) trabalhou com seu fiel parceiro Toquinho para levar às crianças um tipo musical de felicidade. Morreu, pois, a vosso serviço, Senhor.</i></p>	<p>Apresenta dois tipos de discursos:</p> <p><i>Discurso interativo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pronomes de 2ª pessoa (<i>Senhor, vosso</i>) remetendo ao interlocutor-</li> </ul> <p><i>Discurso Narração</i> (em itálico)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizadores temporais;</li> <li>- Verbos no passado;</li> <li>- Anáforas nominal (<i>lhe, as, esta</i>)</li> </ul>

Agora, que você já analisou a crônica *A música popular entra no paraíso*, atentando-se para as unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos, vamos ler uma análise do contexto e da arquitetura interna.

## ANÁLISE DO CONTEXTO E DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO (1980)

A crônica intitulada *A música popular entra no paraíso* representa uma homenagem póstuma a Vinicius de Moraes (1913-1980), escrita um dia após sua morte, e publicada no

dia seguinte, em 11 de julho de 1980, no *Jornal do Brasil*. O autor idealiza a chegada de Vinicius no céu e cria um diálogo fictício entre os personagens Deus e São Pedro e ampara a interação face a face entre os personagens. Na cena, São Pedro convence Deus a deixar Vinicius entrar no céu. Nesse mundo discursivo, há um discurso híbrido, pois o conteúdo temático está relacionado ao acontecimento da morte do poeta e compositor Vinicius de Moraes, ocorrido no mundo ordinário. Já o momento da representação da cena relaciona-se ao mundo ficcional dos personagens. Os personagens apresentam o conteúdo, o cenário e o desenrolar dos acontecimentos seguindo um roteiro com começo, meio e fim. No final do texto, surge a voz de um narrador que cita outros nomes de personagens que passam a compor a cena.

Analisando a estrutura composicional dessa crônica, percebemos que possui características semelhantes a uma peça teatral: um **texto principal** apresentando a fala dos personagens, estas precedidas por nome próprio e o elemento tipográfico travessão ( – ), e um **texto secundário** com as indicações de nomes dos personagens, movimentos na cena, entonação de voz, expressões faciais, emoções etc. que servem para orientar os leitores, atores na interpretação da cena.

Nessa crônica, não explicita nenhuma origem temporal e os personagens agentes na interação de linguagem, Deus e São Pedro estão no mesmo espaço e tempo, falando sobre acontecimentos acessíveis aos seus mundos, o seja, as coordenadas organizadoras do conteúdo temático (a chegada de Vinicius no céu) estão próximas, **conjuntas** dos personagens agentes na ação de linguagem. Na configuração dos mundos discursivos, quando a organização do conteúdo (o assunto tratado) é acessível aos agentes de interação (Deus e São Pedro), dizemos que estão no mundo EXPOR. O texto apresenta unidades linguísticas que remetem à própria interação verbal o que caracteriza a **implicação**. A semiotização linguística desses dois aspectos (conjunção e implicação) constitui o tipo **discurso interativo**.

Nos gêneros originalmente escritos como as crônicas, as coordenadas gerais de mundo se relacionam ao mundo ordinário dos personagens, mesmo quando esses são uma representação do autor. Portanto, a classificação do tipo de discurso - *discurso interativo* - aqui identificado é uma **variante do discurso interativo**.

### **MÓDULO III - LEITURA E INTERPRETAÇÃO FINAL: Socializando as compreensões sobre os tipos de discursos e os efeitos das escolhas linguísticas na construção do sentido.**

Nesse módulo, primeiramente, analisaremos a crônica *O Frívolo Cronista*, atentando para a identificação dos mundos discursivos e dos tipos de discursos constituintes do texto. Na sequência, analisaremos a crônica *Ciao*, identificando o conteúdo temático em três episódios ou momentos. O momento 1 - aborda o início da trajetória do cronista, o momento 2 - tematiza o percurso, e o momento 3 - traz uma reflexão sobre o que foi o seu trabalho, a função social da crônica e o papel do cronista, e o anúncio do fim de sua carreira profissional. Por fim, apresentaremos o contexto de produção das crônicas e os tipos de discursos constituintes de cada uma delas.

Professor, nesse momento de leitura e interpretação final, observe as apreensões realizadas pelos aprendizes, o desenvolvimento e usos de suas capacidades de linguagem. Se os objetivos foram alcançados e, se necessário, reoriente-os, retome os pontos em que apresentarem dúvidas.

#### **LEITURA E ANÁLISE DA CRÔNICA *O FRÍVOLO CRONISTA* (1984)**

##### **Antes da leitura**

Observe o título da crônica, você conhece o significado da palavra frívolo?

Com base no título, qual assunto será abordado nessa crônica?

##### **Leitura**

Vamos ler a crônica. (pode ser uma leitura silenciosa ou em voz alta, realizada pelo (a) professor (a) ou aluno (a)).

#### O FRÍVOLO CRONISTA (1984)

Um leitor de Mato Grosso do Norte escreve deplorando a frivolidade, marca registrada desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retruco-lhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em *Italianische Reisen*. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabemos alemão temos o maior respeito por essa língua. A frase é esta, em português trivial: “Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil”. É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida.

No caso mínimo da crônica, o autorreconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranquilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-las.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária isenta de pedantismo ou fingindo de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem cantabiles de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca, porém em doses cavalares. Respeitemos e amemos

esse nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio, pelo excesso de tintas ou pela repetição do efeito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de sequência. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte, não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade. Ciao.

#### Após leitura

### ATIVIDADE DE ANÁLISE DO CONTEXTO E DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA O FRÍVOLO CRONISTA

Hipoteticamente, responda as questões abaixo:

1. Analisando os parâmetros do mundo físico, responda:
  - a. Quem escreveu?
  - b. De onde escreveu?
  - c. Quando?
  - d. Para quem escreveu?
  
1. Analisando os parâmetros do mundo sócio subjetivo, responda:
  - a. Qual é o lugar social de produção?
  - b. Qual papel social do escritor?
  - c. Qual(s) papel social do(s) receptor/leitor (es)?
  - d. Qual finalidade/objetivo? (qual efeito(s) pretende alcançar/atingir?)

2. Analisando o conteúdo referente, responda:

- a. Qual é o assunto tratado? (qual a temática)
- b. Qual o suporte de circulação?

3. Para identificar os mundos discursivos e os tipos de discursos presentes na crônica, responda às questões abaixo, apontando no texto, as marcas linguísticas que justificam suas respostas:

- a. Apresenta origem temporal, ou seja, explícita quando o fato aconteceu? Em caso afirmativo, destaque no texto. **R. Não. A marca linguística de tempo é “hoje”.**
- b. Apresenta organizadores temporais? (expressões relacionadas à passagem do tempo). Quais? **Não apresenta.**
- c. Explora os verbos em qual (s) tempo (s) verbal? Aponte-os no texto. **R. Explora, majoritariamente, verbos no tempo presente: escreve, retruco, faço, vou, hesito, devemos, vejo, tenho, pretendo, reivindico, tem, queira, alimento. Explora também, verbos no passado: chamou, sabia, contratou, cansei, disse, estou, foi.**
- d. Apresenta dêiticos de agentividade, nomes próprios, pronomes e adjetivos de 1ª e/ou de 2ª pessoa? Destaque. **R. sim. Eu, você, meu leitor, me, meu, minha, sua.**
- e. Apresenta dêiticos espaciais, elementos que fazem referência ao espaço da interação? Se sim, quais são? **R. sim. Desta coluna, aqui, o jornal.**
- f. Apresenta dêiticos temporais, elementos que fazem referência ao tempo da interação? Se sim, quais? **R. sim. Hoje.**
- g. Apresenta quais Anáforas nominais e/ou pronominais? A que elementos ou parte do texto retomam? **R. anáfora pronominal: lhe, retomando ao leitor que escreveu deplorando a frivolidade da coluna.**
- h. Argumenta/explica/generaliza alguma verdade? Se sim, justifique: **R. (resposta esperada) Sim. Argumenta sobre a importância da crônica, da pausa para a diversão e descontração em meio às notícias sérias...**

- i. Os segmentos de discursos são compreensíveis independente do conhecimento sobre as informações contextuais? **(Resposta pessoal)**
- j. Apresenta estruturas dialogadas, alternância de turnos de fala? **R. Não.**
4. As coordenadas organizadoras do conteúdo temático encontram-se conjuntas ou disjuntas (próximas ou distantes) do mundo dos agentes na interação verbal? Qual é o mundo discursivo, EXPOR ou NARRAR? **R. disjuntas, pertencendo ao mundo do NARRAR.**
5. Quanto ao ato de produção, como os agentes estão inscritos no texto, implicado ou autônomo? **R. Os agentes estão implicados.**
6. Nos segmentos do texto, é possível identificar os tipos de discursos? **R. relato interativo e discurso teórico.**

### ANÁLISE DA CRÔNICA *CIAO*: Unidades linguísticas e seus efeitos de sentido

- Leia e analise os segmentos dos discursos constituintes da crônica *Ciao*, buscando identificar as marcas linguísticas típicas de cada tipo de discurso e seus efeitos de sentidos, identificando assim, os tipos de discursos articulados na composição do texto. Veja também, na terceira coluna, uma análise interpretativa.

**Quadro 7: Crônica *Ciao*, momento em que o cronista personagem inicia sua trajetória profissional**

Segmentos da crônica <i>Ciao</i> e os tipos de discursos	Marcas Linguísticas, efeitos de sentido e organização textual	Análise interpretativa
<i>Narração</i>		

<p><i>Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético e perguntou:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Origem temporal situada em outro lugar, distante dos agentes na interação verbal.</li> <li>- Narrador em terceira pessoa;</li> <li>- Verbos no pretérito perfeito;</li> <li>- Organizadores textuais (locuções adverbiais, advérbios, pronomes demonstrativos de lugar) que marcam o tempo e o espaço distante da situação de produção do discurso;</li> </ul>	<p>O autor faz uma retrospectiva de como iniciou sua carreira de cronista. Para isso, criou um mundo discursivo ancorado no passado e um narrador que o apresenta.</p> <p>O narrar desenvolvido em 3ª pessoa produz um efeito de distanciamento e independência entre os acontecimentos verbalizados e o mundo ordinário dos personagens (cuja representação coincide com a história real do próprio autor “representado”).</p> <p>A origem temporal e os verbos no tempo passado expressam anterioridade, ações acabadas;</p> <p>Já o organizador temporal expressa a frequência e o período em que ocorre o acontecimento expresso.</p> <p>As ações são organizadas em ordem cronológica e de forma objetiva, sua compreensão não depende do conhecimento das condições de produção.</p> <p>A inserção do verbo “perguntou” acompanhado pelo sinal de pontuação dois pontos (:) ilustra e introduz uma interação verbal encenada que irá se encaixar nesse segmento.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Discurso interativo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sobre o que <u>pretende</u> escrever?</li> <li>- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.</li> </ul>	<p>A compreensão do discurso interativo depende do discurso principal em que está encaixado. O conteúdo temático está organizado próximo aos agentes colocados na cena, cuja introdução foi ilustrada no segmento de Narração que antecede.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização do discurso direto;</li> <li>- Uso de travessão</li> <li>- Alternância dos turnos de fala;</li> <li>- Sequência dialogal;</li> <li>- Verbo no tempo presente.</li> </ul>	<p>O narrador reproduz um trecho da conversa efetivada pelos personagens (o adolescente e o diretor do jornal) para enfatizar o momento em que começou a trabalhar no jornal, e demonstrar seu desejo, entusiasmo e disposição para escrever sobre qualquer assunto.</p> <p>Para isso, utiliza recursos do discurso direto para encenar o diálogo entre o diretor do jornal e o Carlos Drummond adolescente.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Narração</b></p>	<p>O conteúdo temático organizado à distância</p>	

<p><i>O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas.</i></p>	<p>dos agentes na interação verbal.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizadores espaço-temporais;</li> <li>- Verbos no tempo passado;</li> <li>- Pronome de 3ª pessoa;</li> <li>- O Verbo no presente, (comete) relaciona-se ao tempo da narrativa.</li> </ul>	<p>Ilustra como, onde e quando o agente representado (C. D. A) tornou-se cronista profissional.</p> <p>Marca o fechamento da procura pelo serviço e inicia</p> <p>As marcas de tempo presente indicam que a ação que se iniciou no passado se estendeu até o momento. Um efeito de atualidade para dizer que o cronista continua escrevendo crônicas.</p>
--	---	---

Fonte: autora com base na crônica *Ciao* (ANDRADE, 1984), e no método de análise de texto (BRONCKART, 1999)

**Quadro 8: Representação do percurso do cronista personagem (Carlos Drummond) com os diversos assuntos que serviram de temática para suas crônicas**

Segmentos da crônica <i>Ciao</i> e os tipos de discursos	Marcas linguísticas e efeitos de sentido	Análise interpretativa
<p style="text-align: center;"><b><i>Narração</i></b></p> <p><i>Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento deste contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência de dêiticos de agentividade e de marcadores espaço-temporais;</li> <li>- Verbos no tempo passado;</li> <li>- Verbos no tempo presente e passado com valor genérico, estilístico (não têm valor dêiticos).</li> </ul>	<p>O narrador corrige, argumenta e justifica o “erro” ao empregar o verbo “comete” no tempo presente. Enfatizando que já está na hora de o cronista encerrar a carreira profissional e despedir-se dos leitores “pendurar as chuteiras”.</p> <p>O narrador atualiza o narrar no tempo e no espaço (<i>chegou o momento</i>) para expressar seu ponto de vista sobre a despedida do cronista, considerando o momento oportuno para dizer adeus aos leitores.</p>
<p style="text-align: center;"><b><i>Discurso interativo e Narração</i></b></p> <p><i>Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro.</i></p> <p><i>Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares</i></p>	<p>Inserção local de discurso interativo em segmento de narração.</p> <p><b>Discurso interativo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pronome [Eu] subtendido;</li> <li>- Verbo de 1ª pessoa;</li> <li>- Verbos no presente;</li> </ul> <p><b>Narração:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbos no tempo passado</li> <li>- Ausência de dêiticos de agentividade, espaciais ou temporais;</li> <li>- Anáforas pronominais e nominais por substituição lexical;</li> </ul>	<p>O narrador emite suas impressões a respeito do cronista, acredita que o personagem está satisfeito por ter passado tantos anos exercendo o ofício de cronista, ao mesmo tempo em que implicitamente, nesse trecho, justifica sua despedida, já está muito velho.</p> <p>O pronome [eu] subtendido ao verbo de 1ª pessoa, no tempo presente denota implicação do agente e sincronia entre o conteúdo abordado e o momento em que é verbalizado, constituindo discurso interativo.</p> <p>Os verbos no passado indicam acontecimentos acabados/concluídos em outro tempo, em outro lugar. O narrador cita acontecimentos históricos testemunhados pelo cronista ao longo de sua trajetória e que lhe serviram de assuntos para suas crônicas. (assistiu sentado e escrevendo).</p> <p>O narrador fala como alguém que acompanhou de perto a trajetória e sabe</p>

<p><i>frustrados, mas renascidos, os ismos de vanguarda que <u>ambicionavam</u> reformular para sempre o conceito universal de poesia; <u>anotou</u> as catástrofes, a Lua <u>visitada</u>, as mulheres lutando a braço para serem <u>entendidas</u> pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que <u>são</u> certamente as melhores. <u>Viu</u> tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. <u>Procurou</u> extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que <u>comovesse</u> ou <u>distraísse</u> o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam.</i></p>		<p>inclusive, o tipo de comportamento e as emoções despertadas diante dos fatos. A exploração dos verbos no passado indica que os acontecimentos não ocorreram concomitante ao mesmo tempo em que ocorria a interação verbal, a escrita da crônica.</p> <p>Na declaração “<i>as pequenas alegrias do cotidiano, <b>abertas</b> a qualquer um, que <b>são</b> certamente as melhores.</i>” Acentua o assunto da crônica, temas ligados ao cotidiano.</p> <p>O conteúdo relaciona-se ao cronista personagem com base em acontecimentos passados.</p> <p>Os verbos no passado indicam conclusão de ações e dos acontecimentos.</p> <p>Os verbos no tempo presente representam ideias subjetivas do narrador.</p> <p>A anáfora retoma o termo <i>leitor</i>.</p>
--	--	--

Fonte: autora com base na crônica *Ciao* (ANDRADE, 1984), e no *Método de análise de texto* (BRONCKART, 1999)

**Quadro 9: O narrador reflete e argumenta sobre a crônica, sua função social e o papel do cronista, em seguida, se despede dos leitores, marcando o fim de sua trajetória profissional**

Segmentos de tipos de discurso na crônica <i>Ciao</i>	Marcas linguísticas e os efeitos de sentido	Análise interpretativa
<p><b>Discurso Teórico</b></p> <p>Crônica tem <b>essa</b> vantagem: não <u>obriga</u> ao paletó-e-gravata do editorialista, <b>forçado</b> a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não <u>exige</u> de quem <b>a</b> faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que <b>ele</b> <u>acontece</u>; <u>dispensa</u> a especialização <b>suada</b> em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa.</p>	<p>Ausência de origem espaço-temporal e de organizadores temporais;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbos no tempo presente;</li> <li>- Anáforas pronominais e nominais;</li> <li>- Procedimentos metatextuais;</li> <li>- Frases passivas;</li> </ul>	<p>O narrador declara que a crônica, ou melhor o cronista leva vantagem se comparado com outros profissionais do jornal.</p> <p>Argumenta sobre o tema com impessoalidade e apresenta verdades, ao seu ver, incontestáveis, utilizando as frases passivas.</p> <p>Os verbos no presente tornam atuais as informações.</p> <p>A compreensão do segmento de discurso teórico não exige conhecimento dos parâmetros da ação de produção.</p>

<p align="center"><b>Discurso Misto Interativo-teórico</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência da origem espaço-temporal e organizadores temporais;</li> <li>- Verbos no tempo presente;</li> <li>- Nesse segmento há uma fusão dos tipos de discursos;</li> <li>- Presença simultânea de unidades linguísticas dos dois tipos de discursos:</li> <li>- Marcas de <i>Discurso interativo</i> (as palavras sublinhadas)</li> <li>- Verbos na 1ª pessoa, no tempo presente;</li> <li>- Pronome de 1ª pessoa subtendido na conjugação do verbo: [eu] <i>sei</i>.</li> <li>- <i>Discurso teórico</i> (palavras em negrito);</li> <li>- Organizadores textuais;</li> <li>- Modalizações lógicas;</li> <li>- Procedimento metatextual;</li> <li>- Verbos no futuro do pretérito;</li> <li>- Anáforas nominais;</li> </ul>	<p>O narrador confunde-se com o personagem que tem relação com o autor empírico Carlos Drummond de Andrade para expor seu conhecimento sobre o assunto, argumentar e defender seu ponto de vista sobre a função social da crônica e o papel do cronista.</p> <p>Traz informações que são ao seu ver, verdadeiras, incontestáveis, independentes da situação de produção, mas, ao mesmo tempo, na ausência imediata de um destinatário, o considera compartilhando da ideia expondo seu ponto de vista e antecipando suas objeções.</p> <p>Os verbos no tempo presente sincronizam a organização do conteúdo no tempo da diegese, e tornam as informações atuais, lógicas.</p> <p>E, os organizadores textuais assumem valor argumentativo.</p>
<p align="center"><b>Segmento de Narração entrecortado por segmento de Discurso interativo</b></p>	<p>Marcas de <i>Narração</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Origem temporal situada no passado, anos 20;</li> <li>- Verbos no tempo passado;</li> <li>- Ausência de dêiticos de agentividade, de espaço e/ou tempo;</li> <li>- Anáfora pronominal</li> <li>- Os Verbos no tempo futuro (projeção)</li> </ul> <p>Marcas de <i>Discurso interativo</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pronome de 2ª pessoa remetendo ao interlocutor, leitor;</li> <li>- Frase não declarativa, interrogativa;</li> </ul>	<p>O narrador, para expressar que o cronista não é mais um jovem faz referências ao tempo e a história.</p> <p>Situa sua estreia como cronista no tempo em que Eptácio Pessoa foi o presidente da república.</p> <p>Afirma que o cronista conseguiu pelo menos algumas vezes, alcançar seu objetivo ao produzir crônicas. Mesmo sabendo que não agradou a todos prefere ficar com as melhores lembranças.</p>
<p><i>Com esse espírito, a tarefa do croniqueiro estreado no tempo de Eptácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de 1920? duvido) não foi penosa e valeu-lhe algumas doçuras. Uma delas ter aliviado a amargura de mãe que perdera a filha jovem. Em compensação alguns anônimos e inominados o <u>desancaram</u>, como a <u>lhe</u> dizerem: “É para você não ficar metido a besta, julgando que</i></p>		

<p><i>seus comentários <u>passarão</u> à História”. Ele <u>sabe</u> que não <u>passarão</u>. E <u>daí</u>? Melhor aceitar as louvações e esquecer as descalçadeiras</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbos no tempo presente;</li> <li>- Reprodução de fala por meio de discurso direto citado entre aspas, e do discurso indireto livre;</li> </ul>	<p>A expressão temporal determina o início da trajetória do cronista, enquanto os verbos no tempo passado apresentam as ações verbalizadas já concluídos em outro tempo. As anáforas referem-se ao cronista tematizado na crônica. O narrador ao dialogar com os leitores, mais uma vez declara sobre a idade do cronista que estreou quando eles ainda não eram nascidos. Os verbos no presente atualizam os fatos narrados; e os verbos no tempo futuro tecem projeção negativa sobre o tempo de duração da crônica. A fala reproduzida entre aspas é voz de leitores insatisfeitos com as crônicas e com o cronista.</p>
<p>.</p>		
<p style="text-align: center;"><b><i>Narração</i></b></p>		
<p>Foi o que esse outrora-<u>rapaz</u> fez ou <u>tentou</u> fazer em mais de <b>seis décadas</b>. Em <b>certo período</b>, <u>consagrou</u> mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais <u>deixou</u> de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-<b>las</b> ao público. Uma página bem diagramada <u>causava-lhe</u> prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feitas, o estilo particular de cada diário ou revista <u>eram</u> para ele (e são) motivos de alegria profissional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizadores temporais;</li> <li>- Verbos no tempo passado;</li> <li>- Anáforas pronominais e anáforas nominais;</li> <li>- Frases declarativas;</li> </ul>	<p>Os verbos no passado e os organizadores temporais colocam os acontecimentos verbalizados em outro tempo e espaço – NARRAR; A ausência de dêiticos; e a presença de frases declarativas e das anáforas não relacionam o agente produtor ou o narrador aos acontecimentos verbalizados. Mais uma vez, o narrador chama a atenção para o longo tempo de produção do cronista “por mais de seis décadas”. Tematiza o trabalho como funcionário público fora dos jornais e enfatiza seu fascínio pelas atividades ligadas ao jornal.</p>
<p style="text-align: center;"><b><i>Narrativo-teórico</i></b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbo no tempo passado;</li> <li>- Organizadores temporais;</li> </ul>	<p>Narra a participação do cronista em dois grandes jornais,</p>

<p><i>As duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido ao extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo. <b>Quinze anos de atividade no primeiro e mais 15, atuais, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista.</b></i></p>	<p>- Organizadores metatextuais; - Frases declarativas</p> <p>Os verbos no presente e no futuro indicam simultaneidade e projeção, (não possuem valor dêitico).</p>	<p>situando que no momento, faz parte do <i>Jornal do Brasil</i>. Faz comentários lógicos ao se referir a cada um dos jornais. Explora o verbo orgulhar no tempo presente para exprimir o prestígio dos jornais e a alegria do cronista em ter feito parte. As lembranças desses 30 anos trabalhando no jornal constituem as melhores lembranças do agora “velho jornalista”.</p>
<p><b>Segmento de narração e segmento de discurso interativo</b></p>	<p>- Organizadores temporais; (Os verbos no tempo presente constituem o tempo da narrativa);</p> <p>Já no discurso interativo: - As frases no imperativo (<i>Ceda espaço aos mais novos e vá cultivar...</i>);</p>	<p>O narrador justifica a despedida do cronista, e ressalta que é com alegria que ele se despede da crônica e do compromisso de escrever periodicamente. Contudo, afirma que este, enquanto viver, continuará escrevendo</p> <p>Para finalizar, atualizam-se no tempo e no espaço e o narrador compreende que já está mesmo na hora de despedir-se e impera ao cronista que ceda o cargo e vá descansar.</p> <p>Finaliza o texto agradecendo aos leitores. Sincroniza o tempo da ação de linguagem ao tempo da diegese.</p>
<p><i>E é por admitir esta noção de velho, consciente e alegremente, que ele <b>hoje</b> se <u>despede</u> da crônica, sem se despedir do gosto de manejar a palavra escrita, sob outras modalidades, pois escrever é sua doença vital, <b>já agora</b> sem periodicidade e com suave preguiça. <u>Ceda</u> espaço aos mais novos e <b>vá cultivar</b> o seu jardim, pelo menos imaginário.</i></p> <p>Aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo.</p>		

Fonte: autora com base na crônica *Ciao* (ANDRADE, 1984), e no *Método de Análise de Texto* (BRONCKART, 1999)

### UMA ANÁLISE DA CRÔNICA *CIAO* (1984)

Leia uma análise da crônica *Ciao*, realizada com base nas perguntas norteadoras para a análise do contexto e dos tipos de discursos.

### ANÁLISE DA CRÔNICA *CIAO* (1984)

A crônica *Ciao* foi publicada pelo escritor Carlos Drummond de Andrade, no *Caderno B do Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1984, data em que o cronista, em consonância com o título da crônica, *Ciao*, se despede dos leitores e marca o fim do

compromisso de escrever periodicamente para o Jornal, com o qual contribui por 15 anos, três vezes por semana, terça, quinta e domingo. Revisita a memória e destaca acontecimentos que marcaram o início da carreira, sua trajetória de cronista e serviram-lhe de assunto para as crônicas. Para projetar-se enunciativamente o autor cria um mundo discursivo ancorado há 64 anos atrás, e um narrador que organiza e gerencia as vozes no texto, escrevendo em terceira pessoa, causando um efeito de distanciamento – alguém que apenas testemunhou os acontecimentos sem fazer interferência. Ao longo do texto, o conteúdo transita por diversas fases da vida do autor, iniciando com um Drummond jovem e finalizando com um Drummond velho.

Os acontecimentos estão situados distantes do agente/narrador que verbaliza. A disjunção é explicitamente marcada pela ancoragem espaço-temporal “há 64 anos”, “*Belo Horizonte dos anos 20*”, juntamente com a exploração dos verbos no tempo passado (notou que.../ entrou e ofereceu seus serviços.../ o homem olhou-o/ perguntou). No primeiro parágrafo, contextualiza os personagens (um adolescente e o diretor do jornal) e introduz um trecho do diálogo estabelecido entre eles em um certo momento. O narrador segue verbalizando os acontecimentos observados. Em alguns momentos argumenta sobre a função da crônica e o papel do cronista explicando de modo lógico, distanciado, em outros, expõe seu ponto de vista sobre o assunto fazendo objeções. Apresenta trechos de falas de personagens através do discurso direto e do discurso indireto livre. No final do penúltimo parágrafo o narrador aproxima e interage diretamente com o cronista a quem se referia e, com ironia leve impera uma ordem ou pedido para que ceda espaço aos cronistas mais jovens e vá descansar.

O agente de linguagem para interagir com o leitor através da crônica fez representações de si e dos acontecimentos que marcaram sua trajetória de cronista desde 1920, quando ainda jovem, ao conseguiu seu primeiro emprego no jornal, até 29 de setembro de 1984, data em que publica a crônica *Ciao*, momento em que se despede do jornal e dos leitores. Construiu um mundo discursivo ancorado no passado para narrar os acontecimentos, em certo momento, reproduz diálogos estabelecido entre os personagens, cujo conteúdo é acessível ao mundo ordinário desses personagens na interação de linguagem, e apresenta referências dêiticas que integram os parâmetros da ação de linguagem ao próprio conteúdo. Em outros segmentos, o narrador expõe seu conhecimento teórico sobre o tema “crônica” e os “tipos de cronistas” explicando de maneira lógica, justificando o seu ponto de vista.

## ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO DAS CRÔNICAS

### Quadro 9: Contexto de produção das crônicas

#### Contexto de produção das crônicas

A crônica é um gênero escrito, ligado à imprensa jornalística, normalmente produzido para ser veiculado em jornais ou revistas, mas por seu caráter literário compõe livros e antologias.

As crônicas analisadas foram escritas por Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro, nos anos 1970 a 1984. Destinada aos leitores do *Jornal do Brasil*, instituição jornalística com a qual o escritor colaborou por 15 anos, três vezes por semana. Drummond era jornalista, cronista, poeta e funcionário público aposentado. Em seus textos buscava sempre um traço que distraísse o leitor, chamando a atenção de maneira sutil para os eventos do cotidiano. Trazem como temática acontecimentos relacionados à sua própria história de vida a exemplo: *Como comecei a escrever, Ciao*; Situações e comportamentos da vida urbana como em *Recalcitrante*; homenagem a amigos, como a homenagem póstuma à Vinícius de Moraes na crônica *A música popular entra no paraíso*; e, argumentos em defesa do espaço da crônica na coluna, sua função social e o papel do cronista, em resposta a um leitor que reclamou da frivolidade da coluna. Essas crônicas migraram do *jornal do Brasil* para os livros *De Notícias e Não Notícias Faz-se a Crônica* (1974), *Boca de Luar* (1984), e atualmente, disponíveis em sites e blogs.

Fonte: autora

## ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DAS CRÔNICAS: OS TIPOS DE DISCURSOS

### Quadro 10: Os tipos de discursos nas crônicas

A crônica, de modo geral, é um gênero pertencente a ordem do narrar, cujos conteúdos verbalizados se situam em outro lugar diferente daquele em que estão inseridos o agente produtor, o autor e seus destinatários, os leitores. Contudo, por ser livre para tratar de qualquer assunto real ou fictício, e assumir características diversas, pode se apresentar em diversas formas: narrativa em prosa; dialogada; como peça teatral; argumentativo, apresentar e defender um ponto de vista; ou ainda, sobrepor as características. Assim, mesmo quando é possível perceber que o conteúdo está relacionado ao mundo ordinário do autor empírico deve-se analisar considerando os elementos da narrativa, o narrador, os personagens e o cenário onde os acontecimentos se desenvolvem. O narrador pode posicionar-se apenas como observador e escrever/verbalizar em terceira pessoa ou investir-se em personagem e interagir na cena escrevendo em primeira pessoa.

Logo, ao relacionar o conteúdo ao mundo ordinário do narrador e dos personagens, o mundo discursivo, este pode aparecer situado tanto no mundo do NARRAR (disjunto) quanto no mundo do EXPOR (conjunto), podendo apresentar marcas de agentividade, espaço e tempo (implicação) ou não apresentar essas marcas (autonomia). Assim, a crônica é um gênero que pode comportar os quatro tipos de discursos, suas variantes e fusões.

Geralmente, predomina o tipo de discurso *narração*, com segmentos de *discurso interativo* encaixado no discurso principal como em *Recalcitrante* e *Ciao*. Os acontecimentos ancorados no passado na *narração* (origem temporal; organizadores temporais; verbos no passado; frases declarativas; anáforas pronominais e nominais por substituição lexical, ausência de dêiticos de agentividade, espaciais e/ou temporais), e atualizados no discurso interativo.

Mas, também, pode o conteúdo ser verbalizado no tempo presente pelos personagens “representados” como é o caso da crônica em forma de peça teatral *A música popular entra no paraíso*, na qual

predomina o *discurso interativo* (interação dialogada com frases não declarativas: interrogativa, exclamativa e imperativa; alternância de turnos de fala; verbos no presente; presença de dêiticos de agentividade, espaciais e/ou temporais).

O conteúdo também pode está ancorado no passado e o agente narrador ou personagens estarem implicados constituindo o *relato interativo* conforme observado na crônica *Como Comecei a Escrever*, e em alguns segmentos de *O Frívolo cronista* (origem temporal, organizadores temporais; verbos no passado; frases declarativas; anáforas pronominais e nominais por repetição fiel; presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal).

O narrador pode argumentar um fato de maneira lógica mantendo-se afastado, *discurso teórico* (não apresenta origem temporal; nem dêiticos de agentividade; explora os verbos no tempo presente; apresenta organizadores textuais; modalizações lógicas; procedimentos metatextuais, intertextuais e intratextuais; anáforas pronominais e nominais se referindo ao intratexto). Ou, argumentar de maneira lógica e expor explicitamente seu ponto de vista, buscar aprovação ou fazer objeções, e assim, ter-se o tipo *misto interativo-teórico* como observado em segmentos da crônica *Ciao* (marcas de *discurso teórico* e marcas de *discurso interativo* se inter cruzam no texto). Ou ainda, o narrador apresentar um fato ancorado no passado com argumentação lógica, verdadeira, constituindo o tipo *misto narrativo-teórico*, também observado na crônica *Ciao* (simultaneamente apresenta marcas de narração e de discurso teórico).

Nas crônicas, por sua versatilidade, é possível apresentar quaisquer tipos de sequências, narrativas, descritivas, dialogais, argumentativas, explicativa e outras formas de planificação.

Fonte: autora com base em Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly (2004), Barros (2012)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de leitura e análise de crônicas na perspectiva interacionista sociodiscursiva endossa que os gêneros de textos são importantes ferramentas para o desenvolvimento das capacidades de linguagem e o melhor agir linguageiro e comunicacional, pois possibilita olhar o texto para além dos aspectos linguísticos. O leitor, para compreender o texto, mobilizar suas capacidades de linguagem subjacentes, ao analisar o contexto, realiza as operações de contextualização e do conteúdo, mobilizando as capacidades de ação, ao analisar a infraestrutura, realiza operações de planejamento e organização, mobilizando as capacidades discursivas, e ao analisar os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, realiza operações de textualização e morfossintaxe, mobilizando as capacidades linguístico-discursivas. O nosso objetivo, enquanto educadores, é propiciar o desenvolvimento contínuo dessas capacidades de linguagem.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Como Comecei a escrever. **Para gostar de ler**. 4<sup>a</sup>. ed. Editora Ática. São Paulo. 1980. p. 6

\_\_\_\_\_. Recalcitrante. In: **De notícias e não notícias faz-se a crônica**. 10.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 39-40. Disponível em: [www.companhiadasletras.com.br/trechos/13494.pdf](http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13494.pdf)

\_\_\_\_\_. O Frívolo Cronista. in: **Boca de luar**. 1<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2014. p. 114-117.

\_\_\_\_\_. Ciao. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Carlos Drummond de Andrade, São Paulo, n. 27, p. 54-55, out. 2012.

\_\_\_\_\_. A música popular entra no paraíso. 1980. Disponível em: [St<sup>a</sup> Lorac: A música popular entra no paraíso \(stlorac.blogspot.com\)](http://StLorac.blogspot.com). acessado em 15/03/2021

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2012.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999/2009.

\_\_\_\_\_. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. Sobre linguagem, ação-trabalho e formação: as contribuições da démarche ISD: entrevista com Jean-Paul Bronckart. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n<sup>o</sup> 47, p. 273-286, jun, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Mercado de Letras: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. reimpressão. São Paulo: EDUC, 2003.

\_\_\_\_\_. **A linguagem como agir e a análise dos discursos**. In: \_\_\_\_\_. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Mercado de Letras, 2008, p. 69 – 92.

CANDIDO, Antônio. A vida ao Rés-do-chão. In.: **A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22

COUTINHO, A. “Ensaio e crônica”. In: --- (Dir.); COUTINHO, E. F. (Co-Dir.). **A literatura no Brasil**. v. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão/SC, v.6, n.3, p.547-573, set./dez. 2006.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. **Gêneros Textuais: Teoria e Prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

CRISTÓVÃO, V. L. L. Modelo Didático de Gênero como instrumento de formação de professores. In: Meurer, José Luiz; Motta-Roth, Désirée (orgs). **Gêneros Textuais e práticas discursivas – Subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo

DOLZ, J. 2016. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *Revista Delta*, 32(1):237-260. <https://doi.org/10.1590/0102-445032172628752054>

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça B. B Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300005> acessado em: 16/08/2020.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 9 ed. Campinas: Pontes Editores, 2004MACHADO, Anna Raquel;

LEURQUIN, E. V. L. O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e de aprendizagem de português língua estrangeira. In: **Eutomia**, Recife, 14 (1): 167-186, Dez. 2014; Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/755>. Acessado em: novembro de 2020

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 258-259.

MARTINS, R. A. F. ou LEÃO, Ricardo (pseudônimo literário). **A obra cronística de Carlos Drummond de Andrade: impressões e visões sobre a sociedade, a cultura e o cotidiano brasileiro**. Estação Literária, v. 11, p. 119-135, 2013.

MIRANDA, Florencia. **Gêneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo: que relações?** Estudos Linguísticos/Linguistic Studies. Ed: Colibri, Lisboa, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. v. 2. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **Dicionários de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. Gêneros escolares: das práticas de linguagem aos processos de desenvolvimento humano. In: FERNANDES, Luiz Carlos (Org.). **Interação: práticas de linguagem**. Londrina: EDUEL, 2009.

RAMALHO, Christina Bielinski. **Retratos do cotidiano: a crônica em três vozes**. 2012. <https://doi.org/10.28998/rl.v1i49.948>

SACCOL, Amarolinda Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, p. 277-300, 2009.

SANTANA, Catiana S. Correia; CARVALHO, J. Ricardo. **Crônica de humor: Objeto de ensino-aprendizagem na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo**. 2016.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: \_\_\_\_ (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.71-91.

SILVA, Célia Sebastiana. Consciência crítica na prosa de ficção de Carlos Drummond de Andrade. Brasília: Departamento de Teoria e Literatura, UnB, 2006.

WERNECK, Humberto. Croniqueiro maior. **Cadernos de Literatura Brasileira: Carlos Drummond de Andrade**, São Paulo, n. 27, p. 99-109, out. 2012